

O ÚLTIMO MOMENTO

Dr. Frederick A. Tatford



Edições Cristãs

© **Edições Cristãs – Editora Ltda.**

O ÚLTIMO MOMENTO

Frederick A. Tatford

1ª edição brasileira: agosto de 1975

2ª edição brasileira: agosto de 1979

3ª edição brasileira: junho de 1983

4ª edição brasileira: abril de 2015

Tradução: Agnes Maxwell Penna

Capa: Daniel de Almeida Jané

ISBN: 978-85-7558-126-1

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro,
por qualquer meio, sem a permissão por escrito da Editora.

EDIÇÕES CRISTÃS – EDITORA LTDA.

Caixa Postal 250

19900-970 – OURINHOS – SP – BRASIL

Endereço eletrônico: edicoescristas@uol.com.br

Site: www.edicoescristas.com.br

O ÚLTIMO MOMENTO

A capa do Boletim dos Cientistas Atômicos apresenta infalivelmente a figura de um relógio.

De 1963 a 1967 os ponteiros marcavam doze minutos para a meia-noite, mas em janeiro de 1968 o ponteiro que marca os minutos foi adiantado, marcando sete minutos para meia-noite.

O editor, Dr. Eugene Rabinowitch, explicou que a mudança se referia em particular ao estado de incerteza crescente devido à produção de armas e mísseis nucleares. A América, Rússia, China e França estão tentando armazenar bombas de hidrogênio e as estações nucleares de muitos outros países produzem o plutônio usado em tais bombas.

Depois de assinado o tratado de não proliferação, o ponteiro foi novamente colocado em doze minutos para meia-noite. O que tem acontecido desde então, justificaria o seu novo adiantamento. Os minutos se escoam rapidamente!

A meia noite se aproxima!

O relógio já vai bater!

.oOo.

PREFÁCIO

Até hoje, lembro-me bem da impressão causada em minha mente de menino a leitura de um livro chamado “A Marca da Besta”, de Sidney Watson. Relendo-o há alguns anos, fiquei novamente impressionado pela maneira realmente vívida com que o escritor retratou os acontecimentos futuros e com a relevância do livro em nossos dias.

Em conversa telefônica em 1969, depois da publicação de um artigo de Natal na revista “The Sunday Companion” algumas semanas antes, o Rev. John McNicol, editor assistente do periódico, insistiu comigo para que

escrevesse um livro semelhante ao acima citado, mas dentro de um contexto mais atual.

A primeira reação foi uma negativa categórica, mas, depois de mais algumas conversas, o Sr. McNicol usando de seu grande dom de persuasão, conseguiu uma promessa muito sem entusiasmo de minha parte, de que faria uma tentativa.

As páginas que se seguem são os resultados da mesma. Infelizmente, devido à pressão de outros compromissos, foi-me impossível dedicar o tempo necessário a esta obra, e reconheço perfeitamente que a tarefa completada às pressas, sem dúvida mostra suas imperfeições mais claramente.

Este livro certamente não substituirá o livro do Sr. Watson, e nunca foi esta a minha intenção. Ele poderá, sim, ter acesso a um círculo diferente de leitores, alguns que costumeiramente não leem livros religiosos.

Aqueles que vierem a este livro, procurando um esboço preciso dos ensinamentos da Bíblia em profecia, ficarão desapontados. Existem outros livros nos quais se tentou fazer isto.

Poder-se-á perguntar também se o autor não usou da sua imaginação com muita liberdade na interpretação de algumas afirmações bíblicas, e se alguns dos detalhes contidos no livro, não estão em conflito com certos pontos de vista da profecia. Este livro é de ficção e a liberdade geralmente tomada pelos escritores, tomei-a eu, também, ao escrever estas linhas.

Frederick A. Tatford

.oOo.

ATERRISSAGEM EM MARTE

O dia havia sido longo e cansativo e John Dixon pensava que realmente nunca passara por um dia assim, tão cheio de preocupações e frustrações. Chegando ao escritório pela manhã, foi recebido com a notícia de que a companhia perdera um contrato importante devido à má atuação de um membro de sua equipe, e o diretor da firma havia externado sua opinião sobre o Departamento de Dixon em termos que nada deixavam à imaginação.

Antes do almoço, sua secretária, que era extremamente capaz e atraente, e em quem ele muito confiava, trouxe o seu pedido de demissão,

pois sua mãe estava muito doente, e ela julgava ser seu dever estar em casa e cuidar dela.

À tarde, seu corretor telefonou pedindo desculpas e dizendo que a firma em que John tinha investido uma boa quantia, havia falido, e que boa parte do seu investimento estava perdida.

“Que dia! Será que mais alguma coisa pode acontecer?” Isto é o que ele pensava assentado no seu escritório, e depois de desligar o telefone.

Como se estivesse respondendo sua pergunta silenciosa, o diretor entrou e lhe disse: “Sinto muito, John, mas tenho que ir aos Estados Unidos na próxima semana para discutir um projeto novo, e provavelmente ficarei por lá quinze dias. Eu sei que você já estava com as férias marcadas, mas, como você sabe, não poderemos nos ausentar ao mesmo tempo. Sinto muito, mas não posso fazer nada. E saiu deixando atrás de si um homem realmente deprimido.

Olhando a porta que se fechava atrás do seu chefe, John Dixon pensou: “Puxa vida! Era só o que faltava! Maude, minha esposa, vai ficar muito chateada. Ela estava esperando as férias com muita ansiedade, e eu também, pois estamos realmente precisando de um descanso. Bom, por hoje chega! Vou para casa.” E, apanhando sua pasta, saiu desanimado.

Parou na banca de jornais para comprar o exemplar da tarde e, como sempre fazia, olhou rapidamente o cabeçalho. A notícia que leu fez com que parasse e lesse outra vez com mais atenção: “Russos colocam um homem em Marte.” Então o homem conseguira afinal alcançar o planeta vermelho e, sem dúvida, logo em seguida estaria atingindo outros planetas!

“Onde será que vamos parar?”, pensava ele. “Parece que o homem decide o que fazer e para onde ir sem pensar no Criador”. Pensando nisso, sentiu uma leve agulhada de consciência: “E eu, até onde levo Deus em conta?” E teve de confessar a si mesmo que raramente pensava em Deus, e quando o fazia era por pouco tempo. Ele planejava a sua própria vida e tomava suas decisões sozinho. Somente, depois de um dia como o que acabava de passar, é que a sua confiança em si mesmo e nas suas ideias se abalava um pouco.

Como Maude era diferente! Religião para ela realmente significava alguma coisa, e influenciava todas as áreas da sua vida. Ela tinha prazer em ler a Bíblia todos os dias, ao passo que quando tentara interessá-lo nela, ele achou que era um livro insípido e monótono. Ela dizia que a leitura da Bíblia lhe dava forças para o dia, e era óbvio que dava mesmo, mas ele no conseguia entender como um livro tão antiquado podia ajudar ou inspirar alguém.

Ela passava horas de joelhos em oração, e várias vezes ele já dormia profundamente antes de Maude ir se deitar. Contudo, se a religião ajudava Maude a ser dócil e amável como era, certamente nada poderia ter contra ela.

Pensando assim, nem percebeu passar o tempo e, mal pusera os olhos no jornal, já se achava ao fim da viagem e o trem já parava na estação onde costumava descer. Logo depois de casados, os Dixon visitaram a cidadezinha de Kilsett, em Hampshire, e gostaram demais dela.

Posteriormente, quando John fora promovido a membro da diretoria da firma, resolveram comprar uma casa lá, apesar de ser um pouco mais distante do serviço.

Quando desceu do trem, Maude o esperava com o carro. Recebendo-o com um beijo, sua intuição feminina lhe revelou que o dia não fora dos melhores, e ela dirigiu em silêncio até chegarem à sua casa. Entrando, ela pegou sua pasta e disse: “Vá tomar um banho bem gostoso, meu bem, e, quando você terminar, o jantar estará pronto.”

O ambiente de calma e tranquilidade de sua casa, e a atenção carinhosa de sua mulher, acalmaram os seus nervos, dando-lhe uma sensação de paz.

“Vamos tomar café no jardim”, disse Maude.

“Então, foi um dia difícil?”, perguntou delicadamente ao colocar sobre a mesa a sua xícara de café.

John então contou-lhe os acontecimentos do dia, do contrato perdido e do pedido de demissão da secretária. Continuou dizendo: “Acho que perdemos uns R\$ 600.000,00 pela falta de perspicácia do corretor, mas o pior de tudo é que Richard tem que ir aos Estados Unidos na semana que vem, e vai demorar uns quinze dias. Nossas férias terão que ficar para mais tarde. Sinto muito, querida, eu sei que você estava esperando ansiosamente estes dias de descanso”.

“Ora, não se preocupe com isso, meu bem”, foi a resposta dela, “Certamente não era vontade de Deus que saíssemos de férias na próxima semana.”

“Isso para mim não faz sentido”, ele respondeu. “Richard tem que ir aos Estados Unidos estudar um projeto novo, e como é que Deus pode ser culpado disso?”

“Não é bem isso que eu quero dizer”, ela disse calmamente. “Mas, eu creio que Deus tem um plano para a nossa vida, e que é a Sua vontade e não a nossa que é importante. Se não podemos ir à Itália na semana que vem, deve ser porque Ele tem algo melhor reservado para nós.”

“Bom, eu não vou discutir religião com você, meu bem”, disse John, beijando-a carinhosamente. “Se ele me dá a mulherzinha mais maravilhosa que um homem poderia ter, não vou criticá-la, mas é algo que para mim não consigo aceitar.”

“Coitadinho de meu John”, ela respondeu, acariciando a sua face. “Como eu gostaria de fazê-lo compreender que é uma Pessoa, não uma coisa.”

“Você viu o jornal da tarde?”, perguntou ele a fim de mudar de assunto. “Os russos colocaram um homem em Marte. É um feito extraordinário! Mas, com todo esse progresso científico, o mundo nunca esteve em situação financeira e econômica mais insegura, e nós não conseguimos achar uma solução para o problema. Precisamos de um homem forte, que dirija a Europa e resolva seus problemas, ao passo que, resolvendo os problemas financeiros internacionais, resolva também a questão do Oriente Médio.”

“Que gozado,” disse sua mulher.

“Gozado, por quê?”, ele perguntou.

“Bem, é que outro dia ouvi uma conferência intitulada “O que nos espera no futuro”, e o orador dizia que a Bíblia prediz a formação de uma confederação europeia sob a direção de um homem forte que resolveria os problemas da Europa, e depois iria negociar uma solução para o problema do Oriente Médio. Mas ele disse também que, antes de aparecer este homem, o Senhor Jesus Cristo desceria do céu para levar todos os que O aceitam como Salvador. E Ele disse que talvez isto acontecesse logo.”

“Esse cara deve ser fanático, querida”, disse John. “Não deixe ninguém encher sua cabeça com ideias assim.”

De braço dado, voltaram à sala; John ligou a televisão e depois assentou-se no sofá ao lado de sua mulher. Naturalmente, o assunto principal do noticiário foi o grande feito dos russos e, ao término do noticiário, o locutor disse que havia dois homens importantes no estúdio que iriam discutir o acontecimento e o que significava.

O entrevistador disse a um deles: “Dr. Johnson, o Sr. já expressou, de público a sua crença em Deus e na Bíblia. Este acontecimento abala de alguma forma a sua crença?”

“De forma alguma”, foi a resposta. “E nem há motivo para que abale. Mas, já que Deus deu autoridade ao homem sobre a terra apenas, eu fico a imaginar se Ele permitirá que nós exploremos muito mais de Sua criação.”

“Tolice”, disse o outro cientista. “A ideia de Deus é hoje um conceito ultrapassado!”

“Há evidência concludente da existência de Deus”, foi a resposta moderada. “Seu Filho já veio a este mundo e tornará a vir. A Bíblia declara

que Ele descera dos céus, e subitamente retirará todos os cristãos deste planeta, deixando o mundo para o juízo.”

“Ridículo!”, exclamou o outro.

“Eu também acho ridículo”, disse John, desligando a televisão. Sua esposa porém, ficou quieta e pensativa.

“É isto mesmo que o nosso conferencista disse”, ela respondeu, “e é também o que a Bíblia diz. Estou assustada, John. Imagine! Se o Senhor Jesus Cristo viesse hoje, me levase e deixasse você para trás... Você estaria perdido John!”

E ela caiu em prantos ao dizer isso. John ficou desorientado, sem saber o que fazer, vendo sua esposa, habitualmente tão calma e controlada, chorando daquele jeito. Tomou-a nos braços e tentou consolá-la.

“Leia a Bíblia comigo, hoje”, ela disse. “Veja se ela faz ou não sentido para você, John.”

“Está bem”, ele respondeu, feliz por fazer algo que a agradasse e a acalmasse. “Leio, sim, só para agradar você. Onde está ela?”

Maude foi ao quarto, voltou com uma pequena Bíblia e, abrindo-a, disse: “Leia para mim daqui até o final do capítulo, meu bem.”

John pegou a Bíblia e começou a ler começando do versículo que ela apontara: *“Porquanto o Senhor mesmo, dada a Sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo e ressoada a trombeta de Deus, descera dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor. Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras.”*

Ele parou. “Sem dúvida, são palavras surpreendentes, mas chega por hoje. Vamos dormir.”

Na manhã seguinte, Maude levou-o à estação, logo depois do café. Ele, como de costume, começou a ler os dois jornais principais, mas naquele dia as palavras que lera na noite anterior surgiam continuamente entre ele e as palavras dos jornais, tanto que ficou bem satisfeito quando chegou ao escritório para enfrentar um dia de trabalho intenso.

Mesmo assim, a todo instante as palavras lhe vinham à mente: *“O Senhor mesmo descera dos céus”, “arrebatados juntamente”,* — perturbando a sequência dos seus pensamentos.

No dia seguinte, em casa, a mesma coisa aconteceu, e ele então decidiu abandonar aqueles pensamentos de uma vez por todas. Mas à mesa do almoço Maude lhe disse: “Eu não consigo deixar de pensar no que lemos na Bíblia quinta-feira à noite, John. Eu não quero que o Senhor volte antes que você seja salvo.”

“Não se preocupe mais com isso, querida”, disse ele. “Eu prometi que iria à igreja com você amanhã”, e com isto ela teve que se contentar.

.oOo.

ACONTECIMENTOS SENSACIONAIS NA IGREJA DE ST. ANDREWS

O domingo amanheceu lindo; o sol brilhava num céu bem azul; John e Maude acordaram com o canto dos pássaros, e com o mugir distante do gado. Era uma linda manhã e enquanto John caminhava pelo seu jardim, o perfume das flores, o zumbido leve das abelhas, o murmúrio do vento entre as folhas e uma sensação penetrante de paz faziam-no sentir a calma e tranquilidade que ele sempre ligava com Kilsette e seu lar. Era mesmo uma cidadezinha encantadora, que ainda no tinha sido invadida pelas fábricas ou prédios ultra-modernos, possuindo o aspecto típico das antigas cidades europeias. O casal achava que era o lugar mais lindo da terra.

Eles saíram pelo portão dos fundos, atravessaram um campo e um riacho a murmurar e seguiram depois pelo caminho que levava à igreja. O sino já soava, e um bom número de pessoas se encaminhavam à igreja de St. Andrews. O pastor era muito popular na paróquia, e a igreja tinha sempre boa assistência. Embora já sexagenário, o pastor era muito admirado pelas jovens. Era ótimo pregador, e sempre procurava ilustrar o seu ponto de vista com histórias, ou referências a acontecimentos atuais. Maude só sentia falta de algo do fervor evangélico do pastor da igreja que frequentara anteriormente.

No domingo anterior o pastor havia anunciado que um velho amigo, do seu tempo de universidade, acabara de ser condecorado pelos seus préstimos à ciência, e estava em férias no local, sendo convidado por ele para pregar nos dois cultos do domingo seguinte. Assegurara à congregação que o Dr. Broughton, além de ser um brilhante cientista, perfeitamente atualizado, era um pregador extremamente habilidoso e interessante. Tanto

falara sobre o convidado que a igreja estava completamente cheia naquela manhã.

O homem alto e grisalho que subiu ao púlpito captou a atenção da congregação logo de início. Rapidamente agradeceu o convite, e entrou logo no seu assunto.

“Os dias em que vivemos,” disse ele, “são os mais notáveis na história da humanidade. Os últimos 50 anos, têm visto um desenvolvimento maior e mais rápido do que aquele visto nos cinco séculos anteriores, e as descobertas e realizações deste século vinte, não têm paralelo na história. A maioria dos melhores cientistas que o mundo conheceu está viva hoje.”

Os mais jovens dentre a congregação passaram a prestar atenção, enquanto o pregador prosseguiu, fazendo referência à descida dos Russos em Marte, descrevendo a possibilidade de viagens interplanetárias em escala muito maior. Mesmo neste planeta, dizia ele, seria possível, em futuro próximo, voar em aviões supersônicos de Londres a Nova Iorque em uma hora. No mar, navios nucleares precisariam de abastecimento apenas de dois em dois ou três em três anos. No comércio, a vida se transformava pela automatização. Nos laboratórios de pesquisa um computador poderia em quinze minutos dar resposta a um problema que anteriormente doze matemáticos levariam vinte anos para resolver.

Além disso, no campo mental, a psiquiatria pode, através da penetração no inconsciente, descobrir não somente a história do indivíduo, mas até certo ponto, a história de sua raça. Vidas eram salvas através de transfusões de sangue, ou transplante de órgãos. Através de rádio-isótopos grandes passos haviam sido dados na conservação de alimentos, no combate às pragas, nos grãos no cultivo e em muitas outras áreas.

“Puxa vida!” Um jovem disse ao colega. “Parece que ele entende do que fala. Poderia ficar ouvindo o dia inteiro!”

“Experiências na América e na Rússia”, continuou o pregador, “resultaram na produção de vírus e bioestruturas microscópicas e de aminoácidos de matéria inorgânica. Um feto humano já fora conservado por algum tempo fora do corpo humano. A criação de um organismo vivo não mais poderia ser considerada algo impossível.

O doutor Broughton continuou discutindo as realizações e as possibilidades da ciência, mantendo a congregação na máxima atenção. Chamou a atenção dos ouvintes ao perigo que o mundo corria devido ao uso de armas nucleares, dizendo que 400 bombas de cobalto. de uma tonelada, seriam o suficiente para destruir toda a vida na terra, e que se uma dessas bombas explodisse na Europa. destruiria toda a vida dentro de uma área aproximada de onze milhões de quilômetros quadrados.

“Para onde vamos? Qual será o fim disto tudo?” E começando com esta pergunta, o pregador explicou calma, mas serenamente, que, do seu ponto de vista o mundo estava se aproximando de um clímax desconhecido até então. As características desse clímax eram apresentadas na Bíblia.

A Palavra de Deus dizia ainda que, antes da chegada desse período, outro acontecimento se realizaria, acontecimento, este descrito na carta de Paulo aos Tessalonicenses. Abrindo sua Bíblia, leu o mesmo trecho que John e sua esposa tinham lido na quinta-feira à noite. Estes, entreolharam-se, e depois olharam para o pregador. “O Senhor Jesus Cristo vai voltar. Em breve Ele descerá do céu para chamar para Si mesmo, todos os que são Seus. Este acontecimento poderia se dar hoje mesmo. E se assim for, você está preparado para encontrá-lo?”

Em seguida convidou aqueles que ainda não tinham aceitado a Cristo como Salvador para que reconhecessem sua necessidade, confiando nEle sem mais demora. Houve um silêncio de morte na igreja quando ele parou de falar. Maude orou a Deus para que o coração de seu marido fosse tocado e ele respondesse ao apelo. Muitos outros também pensavam em seus parentes e amigos.

Enquanto o Dr. Broughton descia silenciosamente do púlpito, voltando ao seu lugar, o pastor, obviamente bastante perturbado, anunciou o hino final, e pronunciou a bênção de despedida.

Findo o culto, o Rev. Parkinson foi à porta saudar os membros da igreja, enquanto o Dr. Broughton permaneceu ao lado do púlpito à espera de alguém que quisesse conversar com ele. Logo um grupo de jovens se reuniu ao seu redor, fazendo-lhe perguntas, animadamente. Ele, paciente, respondeu a todas as perguntas, e depois olhando bem ao grupo perguntou: “Quantos de vocês conhecem o Senhor Jesus Cristo como seu Salvador e Senhor pessoal?”

Silêncio... Então em tom mais alegre disse: “Bem, então venham todos novamente hoje à noite, prometo que vocês vão gostar.”

John e Maude, apertaram a mão do pastor e voltaram para casa através do campo. Maude viu que seu marido fora afetado pela mensagem e por isso nada lhe disse. Depois do almoço ele disse a ela: “Acho que vou à igreja com você hoje à noite outra vez. Aquele homem é notável”.

“Obrigada, John”, disse ela. “Fico muito contente por você ter gostado. Ele é mesmo um ótimo pregador.” Ao mesmo tempo elevou a Deus uma prece silenciosa de gratidão por ter Ele despertado o interesse do seu marido.

Gerry Batchelor, normalmente um jovem despreocupado, ao sair da igreja com sua esposa, estava pensativo. Bem que o pastor dissera que ouvir

seu amigo seria interessante, mas tudo que dissera ainda era pouco. “E você Susan, o que achou?”, perguntou ele à sua esposa jovem e bonita.

“Não sei,” respondeu ela. “Não consegui entender muita coisa do que ele disse. Mas se o que ele disse no final é verdade, estou preocupada. Eu o amo demais Gerry, e esta é a única coisa sobre a qual não concordamos. Sei que não sou inteligente como você, mas creio que a Bíblia é verdadeira, e que é importante pertencermos, ou não, ao Senhor Jesus Cristo. Como eu gostaria

que você compreendesse isto!”

“Ora, não enche sua linda cabecinha com pensamentos assim, Sue,” respondeu ele. “Eu vou sempre à igreja com você, e gosto do pastor. Ele não se dá a estas fantasias como fez o nosso pregador de hoje, embora eu tenha de admitir que o Dr. Broughton é um pregador que sabe despertar o interesse de seus ouvintes.”

Susan ficou quieta por alguns instantes e depois disse: “Suponhamos que o Dr. Broughton esteja certo e que a vinda de Cristo aconteça em breve, Gerry. O que ele disse pode ser verdade — que hoje é a última oportunidade para se aceitar o Salvador.”

“Olhe, querida”, disse ele. “Estou morrendo de fome, e não consigo discutir problemas teológicos sérios assim, antes do almoço”. Chegando ao portão de sua casa, abriu-o e puxando a esposa para si beijou-a carinhosamente. Embora resolvido a não discutir mais o assunto, Gerry achou difícil deixar de pensar naquele sermão diferente. Teve que reconhecer que era impossível ignorar algumas das coisas que haviam sido ditas.

Em muitas casas de Kilsett, o sermão era o assunto da conversa ao redor da mesa do almoço e, mesmo aqueles que discordavam do pregador, reconheciam que era o sermão mais penetrante e envolvente que tinham ouvido havia muito tempo. A maioria resolveu voltar à noite para ouvir o pregador novamente.

À mesa do almoço, na casa paroquial o Rev. Parkinson voltou-se para o seu convidado e disse muito sério: “Somos velhos amigos, Leslie, e nunca imaginei que você me decepcionasse assim”.

“O que quer dizer?” perguntou surpreso o Dr. Broughton.

“Bem, você não acredita nesta história de Segundo Advento, acredita? Ninguém mais ensina estas coisas hoje. Espero que hoje à noite você se limite ao aspecto científico.”

Seu hóspede olhou para ele e disse baixinho: “Existe um número surpreendentemente grande de pessoas que acreditam que a volta de Cristo está perto, e este assunto ainda é pregado em muitas igrejas. Mas, no que

se refere a hoje à noite, se me permitir, gostaria de falar sobre o fim do mundo. Sem dúvida você concorda que isto é inevitável, mais cedo ou mais tarde. E esta é, certamente, a opinião de muitos dos principais cientistas.”

“Está bem”, disse seu amigo, “mas, por favor, não aborreça o pessoal com previsões trágicas, de parentes sendo levados, e outros ficando para trás. Se você fizer isso, amanhã terei um punhado de velhinhas apavoradas me procurando.”

No decorrer da refeição o ambiente ficou menos carregado e os dois amigos passaram a recordar os tempos de universidade e as pessoas que conheceram naquela época, e a Sra. Parkinson não pôde deixar de pensar em como era simpático e divertido este seu hóspede. Em casa ele se mostrava muito diferente do que havia sido em público, mas ela teve que admitir consigo mesma que estava nervosa quanto ao culto da noite, e só ficaria mais aliviada depois do seu término.

.oOo.

O CIENTISTA REPETE A DOSE

A igreja de St. Andrews estava cheia aquela noite, todos os seus lugares tomados por curiosos, querendo ouvir o que diria o famoso cientista. A notícia do sermão matutino com o seu final dramático já correra a cidade e havia muitos na igreja que talvez lá estavam pela primeira vez. Pouco antes do início do culto um repórter do jornal local ocupara o último lugar vazio. Os que ainda chegavam, tiveram que se acomodar nas salas laterais, onde poderiam ouvir embora não pudessem ver o pregador.

Depois do hino e da oração, o pastor deu os anúncios da semana e disse que passaria a palavra imediatamente ao Dr. Broughton para que pudesse ter bastante tempo para o seu sermão.

Subindo ao púlpito, o Dr. Broughton novamente expressou sua apreciação pelo convite do seu velho amigo. O início da sua pregação fez com que o pastor se sentisse desconfiado novamente. “Tudo no mundo de hoje indica a aproximação de uma crise”, dizia o pregador, “e, como disse pela manhã, parece perfeitamente claro que um acontecimento predito na Bíblia — a volta do Senhor Jesus Cristo — não pode tardar. Há tantos sinais da proximidade de outros acontecimentos preditos que a retirada da verdadeira igreja pode muito bem acontecer em um futuro bem próximo.”

O Sr. Parkinson não conseguia esconder a sua irritação. Acontecia justamente o que ele temera, pois, apesar de ter prometido não repetir o que dissera pela manhã, era exatamente isso que o Dr. Broughton fazia! E o pregador continuava a ilustrar seu ponto de vista referindo-se a acontecimentos e realizações recentes.

“O fato mais importante”, disse ele, “é a volta de Israel à sua terra, sendo agora um Estado próprio — acontecimento que teria parecido impossível um século atrás, e que acontece nos nossos dias. Quase três milhões de judeus vivem em Israel, e o país se firmou como uma potência digna de respeito. O Egito — que não é inteiramente árabe — e seus associados árabes não poderão aceitar a humilhação de três derrotas sucessivas diante de Israel, e mais cedo ou mais tarde invadirão este país. Séculos atrás, a Bíblia predisse que Israel seria novamente estabelecido como Estado e que tal invasão ocorreria.

“É claro também”, continuou o pregador, “que a riqueza de Israel, e as reservas de óleo no Sinai e nos países árabes devem atrair o interesse da Rússia. Quando o Egito invadir Israel, a Rússia não ficará de lado e podemos confiar na sua intervenção. É exatamente isto que o profeta Daniel predisse há dois milênios e meio.”

“Bom, até aqui, está bem”, pensava o pastor, ainda preocupado com o sermão, “mas onde querará chegar?”

“Não podemos ignorar a ameaça nuclear da China e sua necessidade desesperadora de alimento e de terra para agricultura. Elas constituem uma das maiores ameaças à paz, e é evidente que a China pretende movimentar-se em direção ao ocidente para alcançar o seu fim. Isto também foi predito pelo apóstolo João no seu Apocalipse.

“A entrada da Grã Bretanha no Mercado Comum Europeu já é coisa resolvida, e extremamente significativa. É provável que os membros da Comunidade Europeia alcancem em breve o número de dez. A Bíblia indica que dez nações um dia se reunirão para formar uma federação de nações.

“A moderna corrente ecumênica sem dúvida levará à formação de uma nova igreja universal, e finalmente ao reconhecimento da suprema autoridade do Papa”, disse o Dr. Broughton, enquanto seu amigo (que apoiava inteiramente o movimento ecumênico) se mexia ainda mais irrequieto. “Isto também é importante, porque a Bíblia mostra claramente a formação de uma igreja universal com centro em Roma.”

“E assim poderíamos continuar”, dizia o pregador, “porque não faltam sinais de todos os lados. É evidente que a vinda de Cristo está perto”.

O rosto do pastor era algo digno de se ver! Seu amigo estava dizendo tudo aquilo que ele havia procurado evitar, Aquele repórter miserável estava

anotando tudo e, sem dúvida, o jornal publicaria tudo com cabeçalho sensacionalista. Ele podia ver as manchetes: “Sensação na igreja de St. Andrews!”

Por que afinal, havia convidado seu amigo para pregar? Parecera-lhe uma ideia tão boa! O que haveria de dizer sua mulher depois da partida do seu hóspede? E o pregador continuava seu sermão. Se ao menos ele parasse...

“O Apóstolo Pedro também anunciou que este planeta está destinado à destruição, embora não de indicação clara de quando este acontecimento se dará. Reunindo-se todos os ensinamentos das Escrituras, parece bem claro que o próximo acontecimento a se esperar é a retirada de todos os verdadeiros cristãos, quando o Senhor Jesus Cristo descer para encontrá-los nos ares. Mais tarde Ele estabelecerá um Reino celestial sobre a terra e reinará sobre esta por mil anos. Este período, entretanto, terminará com revolta contra Sua autoridade, com a consequente destruição dos rebeldes e desta terra onde vivem. É então que os acontecimentos preditos por Pedro acontecerão. A linguagem usada pelo apóstolo, há dezenove séculos, lembrando também que ele era um pescador iletrado, é a mesma linguagem semi-técnica que um físico nuclear usaria hoje para descrever o que ele espera eventualmente acontecer — a dissolução do mundo por uma forma qualquer de explosão nuclear. Assim, parece evidente que assim se dará o fim do planeta Terra.”

Embora o pregador alongasse a sua pregação, nem um movimento se percebia naquela igreja lotada. Todos ouviam embevecidos, principalmente quando ele passou a explicar em termos simples o significado científico das afirmações bíblicas.

“Será isto o fim?”, perguntou o pregador. “Não porque o último livro da Bíblia também nos fala sobre o fim do mundo, e também revela o que acontecerá aos mortos. Mostra que todos os que não participaram da primeira ressurreição — exclusiva para aqueles que aceitaram a Cristo — serão chamados a comparecer ante o trono de Deus Onipotente.”

Lentamente com muita clareza e convicção ele declarou: “E aqueles que rejeitaram a Cristo, ou que nunca aceitaram a soberania de Deus, serão banidos para sempre da Sua presença. Tudo, portanto, depende da nossa atitude para com Deus e do nosso relacionamento com Seu Filho”.

Terminou, então, fazendo um apelo comovente a todos os presentes que se voltassem para o Senhor Jesus Cristo, em arrependimento e confissão de pecados, aceitando-O como Salvador Senhor.

“Esta pode ser a sua última oportunidade”, ele disse. “A volta de Cristo pode estar muito perto. Não adie a sua decisão. Eu estarei na sala ao lado,

ao término deste culto. e terei muito prazer em conversar com qualquer pessoa que esteja preocupada com a sua condição espiritual.”

Quando o pregador se assentou, Gerry Batchelor olhou para o seu relógio. O Dr. Broughton falara por cinquenta minutos — dez minutos mais do que pela manhã, muito tempo aliás, para um sermão. Mas sua mensagem tinha sido tão interessante, tão emocionante que ninguém percebera o passar do tempo.

O Rev. Parkinson levantou-se, pálido e aborrecido, visivelmente perturbado pelo que fora dito. Na realidade estava furioso, pelo que ele considerava falta de ética do seu colega, com o tipo de apelo que ele mentalmente classificava de “sensacionalista e popular!” Nunca antes acontecera tal coisa na respeitável igreja de St. Andrews!

Em voz baixa anunciou o hino final, e pronunciou a bênção, passando à porta para cumprimentar os membros da congregação quando saíssem, preparado a pedir desculpas pelo ocorrido. Mas a congregação permanecia nos bancos como que presa por uma força irresistível.

Então James Flarcourt levantou-se e foi até a sala contígua. Silenciosamente John Dixon também fez o mesmo. Quando Eric Harcourt levantou-se para segui-los, sua mãe começou a soluçar e as lágrimas também corriam pela face de Maude Dixon. Dentro de alguns minutos vários jovens e adolescentes também se encaminhavam à sala. O pastor ficou surpreso e mais ainda quando ouviu o velho administrador da igreja dizer em VOZ alta: “Graças a Deus, ouvimos o Evangelho esta noite”.

O repórter, movido pela curiosidade foi também, e viu o cientista com a Bíblia aberta conversando de maneira simples com James Harcourt, explicando o caminho da salvação. Depois, surpreso, viu aquele homem forte ajoelhar-se na presença de todos e orar, pedindo a Deus o perdão dos seus pecados e a sua salvação. Aquilo era um assunto e tanto para a sua reportagem: lutou para sair da igreja demorando-se apenas um minuto para dizer ao pastor: Sua igreja será notícia de primeira página esta semana”.

E agora o povo começava a sair. As reações eram variadas, mas para grande surpresa do pastor, a maioria parecia favorável ao pregador e estava impressionada com o que ouvira. “Convide-o logo, outra vez”, disse o Coronel Formby, pessoa rica e de muita influência. “Há muito tempo que não ouço algo tão interessante. Estes dois sermões deveriam ser pregados em todo o país.”

O Sr. Parkinson estava perplexo. Será que era o seu julgamento que estava errado, ou seria o da congregação? Voltou para a sala. Estava cheia. “Muito bem, gente”, disse ele, “É bom ver vocês aqui, mas precisamos fechar a igreja agora, esperamos vocês no próximo domingo”.

“Você não entende, Frank,” disse o Dr. Broughton. “Deixe-os comigo. Domingo que vem pode ser muito tarde. Eles querem ser salvos hoje.”

“Isso mesmo, Rev. Parkinson,” disse Eric Harcourt, respeitosamente, “é agora ou nunca. Talvez não tenhamos outra chance.”

O pastor ficou sem saber o que fazer, enquanto ouvia, um após outro, jovens e velhos, respondendo ao apelo do pregador, fazendo confissão de seus pecados e recebendo o Senhor Jesus Cristo, como Salvador. Por mais de três horas, o Dr. Broughton ficou ali. John Dixon e os Harcourt, pai e filho, haviam posto sua confiança em Cristo, e logo depois estavam falando aos outros com simplicidade sobre o passo que haviam dado, levando outros também, à mesma decisão. As palavras do pregador haviam sido tão claras, que pouca necessidade havia de mais esclarecimentos. Mostrara-se-lhes o caminho e quarenta e cinco pessoas naquela noite resolveram andar por ele. Na igreja haviam-se formado pequenos grupos, orando por seus amigos e parentes.

Quando a última pessoa saiu, regozijando-se em sua nova fé, o pastor e seu amigo voltaram juntos à casa pastoral.

Chegaram em silêncio. Poucas palavras trocaram enquanto comiam, e logo o pastor se desculpou dizendo que estava exausto e iria deitar-se. Entretanto, na casa da família Harcourt, havia muita alegria pela conversão do pai e do filho, e lágrimas de alegria corriam pela face da Sra. Harcourt. Betty Carson estava de mãos dadas com Eric. “Estou tão feliz, Eric,” dizia ela. “Eu não poderia ter casado com você, se você fosse um cristão, mas agora não há nada que nos impeça”.

John e Maude Dixon ficaram conversando sobre o sermão e a quantidade de pessoas que haviam-se convertido. Era surpreendente. Era como se Deus tivesse descido com poder sobre a igreja de St. Andrews, naquela noite.

“Antes eu simplesmente não conseguia entender”, dizia John, “mas agora compreendo tudo. É claro como o dia! É como se meus olhos tivessem sido abertos de repente”.

Gerry e Susan Batchelor também estavam discutindo seriamente. Na igreja, enquanto outros se dirigiam à sala, Susan orara para que Gerry fizesse o mesmo, mas poucos minutos depois, ele a tomou pelo braço e saíram do templo. Chegando em casa, ela não se conteve, e voltando-se para o marido implorou para que ele voltasse e conversasse com o Dr. Broughton enquanto ele ainda estava na igreja.

“Não adianta”, disse Gerry. “Se Deus é um Deus de amor, Ele nunca fará o que o Dr. Broughton sugeriu. Não posso acreditar nesta conversa de Cristo voltar e de pessoas sendo arrebatadas repentinamente. Como

poderiam ser felizes no céu sabendo que seus entes queridos estavam na terra? Não acredito no inferno, também”.

“Mas, supondo-se que ele esteja certo, Gerry,” disse Susan, “significa que hoje pode ser a última oportunidade que você tem, e que se você não se resolver seremos separados para sempre. Meu bem, você no vê como esse assunto é sério?”

“Não consigo acreditar, querida”, respondeu ele. “Não me parece lógico. Não vamos continuar nos preocupando com isso esta noite,” e negou-se a prosseguir comentando o assunto.

Em muitas casas de Kilsett os sermões, e principalmente o da noite, eram discutidos pormenorizadamente.

O velho administrador estava radiante por ter ouvido tal mensagem em St. Andrews, e não escondia a sua alegria. “Você devia ter visto a cara do pastor”, ele dizia à sua esposa. “Ele ficou abalado até os alicerces.” E as discussões continuaram por horas a fio. Seria mesmo verdade? Falaria a Bíblia realmente de que Cristo virá nos ares levando pessoas ao seu encontro? E o que aconteceria aos que no fossem arrebatados? O que será que o Dr. Broughton quis dizer quando falava em arrependimento e conversão a Deus e em tornar-se um cristão verdadeiro? Não eram todos cristãos? Não habitavam um país cristão?

Assim as discussões se estendiam noite adentro. O Dr. Broughton havia dado o que pensar e em muitas casas, pessoas ficaram acordadas até bem tarde debatendo o assunto. Parecia que um poder sobrenatural tinha pairado sobre St. Andrews naquela noite e que a mensagem fora gravada no coração das pessoas por algo mais do que a pregação do cientista.

A discussão continuou por dois ou três dias, e na quarta-feira recebeu novo impulso, com a saída do jornal local tendo como matéria de primeira página a reportagem que o pastor imaginara: “Sensação em St. Andrews”. O repórter havia feito uma ótima reportagem, dando um resumo do sermão matutino do Dr. Broughton, o que ele sem dúvida conseguira ouvindo um e outro, e um relatório mais detalhado do sermão da noite.

O repórter continuava o artigo, dizendo que este havia repercutido intensamente naquela igreja adormecida, chegando mesmo a perturbar o pastor, sempre tão gentil e imperturbável, e que um grande grupo de “fiéis” havia ocorrido para confessar seus pecados ante o pregador. “O Reverendo Parkinson sem dúvida introduziu algo inesperado na vida calma de Kilsett. Gostaríamos de saber o que pensa o Bispo”, terminava a reportagem.

Na sua casa pastoral o Rev. Frank Parkinson lia a reportagem em estado de tensão. “Olha”, ele dizia, quase gemendo. à sua mulher. “Nunca

mais poderei andar de cabeça erguida nesta cidade. Por que Leslie agiu assim?”

Estava ainda falando quando foi chamado ao telefone. Era o Bispo.

“O que é isto que ouço sobre St. Andrews, Parkinson?”, dizia, em voz solene Sua Reverência. “Ouvi dizer que você anda pregando que o fim do mundo está próximo, perturbando sua paróquia com histórias fantásticas da volta de Nosso Senhor, levando pessoas de repente do seu serviço ou da sua cama, criando um caos catastrófico. Venha relatar o que aconteceu. Eu o espero dentro de duas horas.”

O Sr. Parkinson foi contar à esposa e disse: “Sabe, eu até acharia bom se as palavras de Leslie se realizassem e o Senhor nos levasse agora, mas, naturalmente, é impossível”.

“Será?”, perguntou a esposa. Talvez não fosse tão absurdo como dissera seu marido. Ela estivera pensando seriamente depois de ouvir o que ouviu no domingo, e não podia esquecer as palavras da Bíblia que aquele pregador incomum havia citado. Eram afirmações claras, tiradas da Palavra de Deus: então, por que duvidar delas? Quem sabe Cristo viria mesmo logo.

Foi como se uma explosão se desse em Kilsett e sua vida normal se perturbasse a ponto de nada mais voltar a ser o que fora antes. A mulher do pastor ouvira falar que um grupo de jovens havia resolvido realizar reuniões de oração às sete e meia todas as manhãs, e que outros, encontrando seus amigos na rua, paravam para perguntar se já haviam sido salvos, contando-lhes a sua experiência própria. Se fosse possível apagar estes últimos dias ela o teria feito com todo o prazer. Por que Frank foi convidar este amigo para pregar? Mas, e se o Dr. Broughton estava certo e Cristo ia mesmo voltar?

.oOo.

SUMIRAM!!!

O sol estava brilhando e quase não havia nuvens no céu enquanto Gerry Batchelor se dirigia ao ponto de ônibus. Era um dia em que é fácil sentir a alegria de viver, mas ele, sem saber porque, tinha um pressentimento de que algo errado iria acontecer naquele dia. De qualquer maneira, o ônibus não estava atrasado, o que já era alguma coisa; da mesma forma o trem chegou pontualmente e o seu lugarzinho no canto não estava ocupado.

No escritório tudo correu normalmente, não havendo justificativa alguma para este mórbido pressentimento. Mesmo assim, ele não conseguia dissipar esta sensação e permaneceu inquieto o dia todo. Quando, às cinco horas da tarde, o céu de repente ficou escuro, Bill Matthews disse: “Gozado... Estava claro há um instante, e não há uma nuvem no céu!” Gerry imediatamente sentiu mais acentuadamente o que vinha sentindo o dia todo. Ele não saberia explicar o porquê, mas sentia que algo estava seriamente errado, e estava louco para sair do escritório e ir para casa.

Chegando à sua casa em Kilsett, entrou apressadamente, abriu a porta e gritou: “Susan, está tudo bem?”

Só o silêncio respondeu. Jogando o chapéu e a pasta no chão, correu para a cozinha. Os preparativos para o jantar estavam adiantados, mas Sue não estava lá. Voltou para a sala de jantar, mas também estava vazia. Correu para a sala de visitas, e lá também não havia ninguém. Subiu as escadas correndo, entrou nos quartos, mas nem sinal de Susan. Com o coração oprimido ele se sentou para pensar: “O que terá acontecido?” Sue nunca saía sem avisá-lo, e ela não telefonara, e nem deixara recado. Onde estaria? A casa estava vazia e o jardim também.

Ele não podia acreditar que Susan o abandonasse assim, sem mais nem menos; eles estavam apaixonados um pelo outro. Sua vida de casados era muito feliz, e nunca haviam brigado seriamente. O único ponto no qual não concordavam inteiramente eram as ideias religiosas de Sue, mas isto não chegava a causar atritos sérios. O que, então, havia acontecido?

Durante aquela mesma tarde, Dick Tracey estava na esquina conversando com a moça que ele amava, mas ela lhe dizia com firmeza e resolução: “Não adianta, Dick, eu amo você e sempre o amarei, mas não posso casar-me com alguém que não seja cristão. Se queremos nos casar temos que concordar neste ponto, se não o jugo será desigual, e a Bíblia condena isto”.

“Dê-me uma chance, Joan,” ele implorava. “Fomos feitos um para o outro, e nos amamos”.

Os olhos dela se encheram de lágrimas enquanto respondeu: “Não, Dick, Não posso. Cristo vem em primeiro lugar e eu não posso casar-me com você a não ser que você pertença a Ele também. Isso não significa que eu não o ame. Amo muito. Mas esta questão é vital, e nunca mudarei de opinião”.

“Mas, Joan,” ele já ia dizendo, quando percebeu de repente que ela não estava mais ao seu lado. Estivera ao seu lado segundos antes, e desaparecera. Onde estaria? O que teria acontecido? Estaria ele sonhando? Pálido e tremendo, foi correndo à casa dela e tocou a campainha, mas

ninguém atendeu. Ele não sabia o que fazer. Gente não desaparece assim, no ar! Onde estaria? Completamente transtornado o jovem voltou para casa, e ainda tremendo, contou aos seus pais o que acontecera.

“Não é só com você que aconteceu isto,” disse-lhe seu pai. “Nós, quatro amigos, vínhamos andando pela rua às cinco horas, e de repente dois desapareceram, deixando Neil Carter e eu sozinhos. Ficamos apavorados. Não consigo compreender”.

No instante em que ele falava, uma vizinha entrou correndo, dizendo que seu marido desaparecera enquanto estava à mesa conversando com ela. Estava quase histérica e a Sra. Tracey teve problemas para conseguir acalmá-la. Depois, foi até a delegacia de Polícia, com a mulher inconsolável, pedir ajuda na procura do marido desaparecido.

Uma hora mais tarde, outra amiga da Sra. Tracey veio à sua casa. Embora sendo mulher de caráter firme estava à beira de um colapso. Um amigo do seu marido lhe dera carona e voltavam juntos do serviço, quando, de repente, este amigo desapareceu, e o carro foi de encontro a um poste. Felizmente seu marido não morrera, embora tivesse ficado gravemente ferido, e muitíssimo preocupado com o amigo que guiava o carro. Ele ficava repetindo: “Ele desapareceu, desapareceu”.

“E não é o único acidente”, disse a mulher. “Dois carros colidiram na Rua Alta, e provocaram um engavetamento. Duas pessoas estão mortas e dez feridas, mas ninguém consegue achar os motoristas dos dois primeiros carros. A polícia disse que devem ter fugido quando viram o que acontecia, mas eu acho que não poderiam ter escapado sem ferimentos graves, pois os carros ficaram completamente destruídos. Para onde poderiam ter ido?”

Naquela mesma noite, houve um entra e sai constante na casa do pastor, falando de experiências semelhantes e pedindo conselhos. Mas o Rev. Parkinson não estava em condições de ajudar os necessitados. Ele e sua esposa estavam tomando chá no jardim quando o céu sem nuvens de repente se escurecera; naquele exato instante sua companheira desaparecera. Ele não a viu levantar-se da cadeira, e não podia explicar a sua ausência. Estava quase louco de ansiedade e preocupação. Algo sobrenatural acontecera, coisa que ele não podia explicar. Lembrou-se do que Leslie Broughton dissera, e pensou consigo: “Será que ele estava certo, e é isto o que aconteceu?” Mas se fosse assim, porque a sua esposa fora levada e ele não? Apanhou o telefone e discou o número do seu amigo. Ninguém atendeu, então ele chamou no laboratório perguntando pelo Dr. Broughton.

“Sinto muito”, foi a resposta. “Não sabemos onde ele está. Deveria ter vindo para uma reunião às cinco. Se entrar em contato com ele, por favor, peça que ligue para cá imediatamente.”

O pastor largou o telefone. Teria aquilo realmente acontecido? E se a resposta fosse positiva, porque, então sua mulher — que não era de modo algum uma pessoa brilhante — havia desaparecido. enquanto ele, que havia feito tanta coisa em nome de Deus ainda estava aqui? Não, esta não poderia ser a resposta, mas se não fosse esta, qual seria então? Ficou mentalmente esgotado, procurando uma resposta.

Às dez e meia Gerry Batchelor não aguentou mais. Havia explorado todas as probabilidades mas não conseguia achar nem vestígio de Susan. Resolveu que a única alternativa era levar o caso ao conhecimento da polícia. Ao telefonar recebeu resposta nada agradável: “Faremos o que pudermos, senhor, e levaremos ao seu conhecimento qualquer indício positivo que conseguirmos, mas o seu caso não é o único. Já recebemos queixa de dezenas de casos apenas no nosso distrito. Pelo que já ouvimos, calculamos que existem centenas de pessoas desaparecidas hoje, e não podemos saber o que lhes aconteceu.”

O receptor caiu da mão trêmula de Gerry. Não conseguia encontrar resposta às perguntas que tumultuavam sua mente. Teria Susan sido vítima de um acidente? E se tivesse sido, o que dizer de todas as outras pessoas desaparecidas? Será que ela o abandonara? Não, também era impossível tal hipótese. Onde estaria, então?

Ligou o aparelho de televisão. Quem sabe alguma notícia poderia dar-lhe uma pista. Ao assentar-se ouviu o locutor dizer: “Este foi um dos dias mais negros da história da humanidade”, e passou então a relatar casos de acidentes e catástrofes em todo o mundo — carros amassados, colisões de trens, acidentes de ônibus, acidentes aéreos — comentando que tudo aquilo era inexplicável. Era evidente que na grande maioria dos casos os desastres haviam acontecido devido ao repentino e misterioso desaparecimento dos dirigentes; em outros casos as razões não eram tão claras.

“Mas o que há de mais sério sob alguns aspectos, e certamente tão inexplicável,” continuava o locutor, “é o desaparecimento extraordinário de um número incalculável de pessoas — talvez milhares — em todo o mundo. Pareciam ter desaparecido simultaneamente aproximadamente às 17 horas, hora de Londres. Em todos os países o problema é considerado de importância nacional e extrema urgência! A polícia recebeu ordens de não deixar pedra sobre pedra na sua busca a uma solução para o problema. O desaparecimento súbito de certos políticos, generais e outros líderes causou graves preocupações devido à repercussão negativa em vários setores. É

igualmente estranho que milhares de líderes religiosos também tenham desaparecido. Chegamos assim ao fim deste boletim noticioso. Estaremos transmitindo de hora em hora durante a noite em vista da seriedade da situação. Enquanto isto, temos em nossos estúdios o Professor Richardson que dirá o que lhe parece ser a explicação do problema. Como todos sabem é um especialista em assuntos especiais.”

.oOo.

A EXPLICAÇÃO CIENTÍFICA

“O problema que se nos apresenta”, começou o distinto professor, “afeta todos os países do mundo, e não é de se admirar que os mais brilhantes cientistas estejam estudando os dados que puderam ajuntar nas últimas horas. Eu penso que há duas explicações possíveis sobre o ocorrido, e quero crer que estas alternativas serão eventualmente aceitas como as únicas respostas que a ciência pode dar às perguntas decorrentes deste acontecimento de repercussão mundial. A primeira pode talvez ser descrita como o efeito da antimatéria. A segunda é uma invasão espacial. Tentarei explicar o que quero dizer em termos que todos possam entender, procurando evitar a linguagem técnica.

“Durante alguns anos os astrônomos têm notado intensas emissões de energia em regiões que ficam na direção da constelação do Cisne e de outras, fora do sistema solar, para as quais não tem havido uma explicação satisfatória. Uma das teses — para a qual há uma base bem ampla — é que em várias áreas do espaço sideral há grandes massas de um tipo de matéria diferente daquela da qual a terra é composta e que, quando entra em choque com matéria comum, provoca uma violenta explosão com a subsequente geração de tremendo calor e energia, produto da conversão de ambos os tipos de matéria em energia. Isto no é tão fantástico como pode parecer à primeira vista. Máquinas chamadas aceleradores de prótons, que aceleram a velocidade de partículas atômicas até centenas de milhões de milhas por hora, são usadas na Grã Bretanha, América e Rússia. Curiosas características têm sido observadas nestes aceleradores, que levam os cientistas à conclusão de que existem partículas de certa qualidade de

matéria que, indo ao encontro da matéria comum, resulta na destruição de ambas, com a liberação de intenso calor, luz e energia.”

“O que significa tudo isto,” pensava Gerry. “Onde será que ele vai chegar?”

E o Professor continuava: “A matéria que nós conhecemos, é composta de nêutrons, prótons, e elétrons negativos. Mas tem-se constatado a existência de antinêutrons, antiprótons e elétrons positivos. Se estes últimos forem combinados, formam o que, por falta de melhor termo, chamaríamos de contraterra, ou antimatéria; esse produto seria o oposto da matéria comum, e se os dois se encontrassem, o efeito do choque seria o desaparecimento de ambos, acompanhado pela geração de poder semelhante ao daquele de uma explosão nuclear. Sabemos que quando um antipróton encontra um próton, ambos desaparecem numa grande geração de energia. Semelhantemente um anti-nêutron e um nêutron se eliminam mutuamente.”

“Que confusão,” pensava Gerry. “E ele disse que iria simplificar! Ainda bem que não complicou!”. Mas ainda o cientista continuava: “Vocês deverão estar lembrados que houve um súbito escurecimento às cinco horas. É pensamento de alguns que isto foi devido a uma tremenda massa de antimatéria entrepondo-se entre a Terra e o Sol, e que realmente passamos por esta massa negativa. Alguns dos meus colegas pensam que o impacto entre a Terra e esta antimatéria teria causado a aniquilação tanto de alguma matéria quanto de antimatéria, o que explicaria os acidentes e calamidades que ocorreram. De acordo com esta teoria, seres humanos, que de alguma forma entraram em contato com a antimatéria foram também aniquilados. Eu não creio que esta teoria seja realmente a verdadeira. Em todo o mundo algumas pessoas desapareceram enquanto que outras ao seu lado não foram atingidas. Esta explicação, por mais plausível que seja, não satisfaz os fatos e, assim sendo, devemos olhar para a segunda alternativa.”

“Muitos cientistas concordam, e afirmam que este nosso planeta, de há muito tempo vem sendo observado de outras esferas. Não há dúvidas que em algumas galáxias — possivelmente na nossa Via Láctea — haja planetas habitados por seres inteligentes. Nos últimos anos sinais misteriosos registrados no espaço podem provar que tentativas estão sendo feitas por seres de nível de inteligência muito mais elevada que a nossa de entrar em contato com a Terra.”

“Por mais de um século”, continuava ele, “temos ouvido relatos de objetos voadores não identificados e, apesar de todas as explicações oficiais que têm sido feitas, existem muitos casos que não podem ser explicados. Existe, pois, fundamento para se dizer que naves extraterrenas venham

visitando a Terra para observar as características do planeta e o modo de vida dos seus habitantes.

“Teriam as calamidades das últimas horas, alguma relação com isto? Creio que sim, dentro de duas possibilidades. A fim de fazer um estudo melhor da raça humana, pode ter havido uma invasão em ampla escala destas naves, levando grande número dos nossos amigos e líderes para outra esfera de vida. Se lhes será permitido voltar a este mundo é outro problema, mas se os seus raptos não quiserem fazer conhecidas as suas atividades, receio que nunca mais os veremos. Na realidade, isto não é, necessariamente, motivo de desespero, embora deva haver, naturalmente, uma certa tristeza ante a perda de entes que nos eram muito queridos. Eles podem estar experimentando condições de vida muito melhores em outra esfera. Seu rapto poderá resultar em permanente benefício para eles.

“Existe, entretanto, a possibilidade de os visitantes serem hostis,” continuou o professor. “Neste caso, é possível que com o uso de alguma arma de raios laser altamente desenvolvida, ou pela projeção de raios nêutrons tenham causado a completa desintegração das pessoas desaparecidas. Mas, apesar de não podermos excluir de todo esta hipótese, o fato de não terem desaparecido animais e de nenhum prédio ter sido afetado, levaria à conclusão que esta missão misteriosa à terra tenha sido executada em caráter pacífico e não bélico. Neste caso, os nossos amigos poderão estar já gozando de um modo de vida muito superior ao nosso e usufruindo de privilégios que nunca viremos a conhecer.

“Entretanto”, continuou ele, “os acontecimentos não deixam de ser motivo de preocupação. O que aconteceu uma vez bem poderia acontecer outra. Temos de encarar a pergunta extremamente difícil de como enfrentar, e se necessário for, resistir a qualquer outra invasão deste tipo. Como descobrir a aproximação de tal ameaça, e havendo-a descoberto, como enfrentá-la?”

Gerry Batchelor desligou a televisão. Resolveu deitar, mas, irrequieto, rolou de um lado para outro na cama a noite toda e levantou-se no dia seguinte mais cansado e certamente mais preocupado e perplexo do que quando deitara.

Apanhando o jornal deparou com este cabeçalho: “Para onde foram?” O jornal estava cheio de histórias de todo o mundo, acidentes causados pelo desaparecimento súbito de motoristas, pilotos ou empregados em posições chave. O artigo de fundo dava ênfase à repercussão inevitável devido à perda de homens que eram insubstituíveis em todas as esferas da vida.

O jornal também dizia que poderia haver sérias dificuldades na manutenção da lei e da ordem, uma vez que não se registrara o

desaparecimento de nenhum criminoso, mas que as baixas na Polícia e Forças Armadas haviam sido sensíveis. Durante a última noite mesmo, já haviam sido registrados casos de vandalismo e assaltos, em grande escala, e as muitas casas abandonadas devido ao desaparecimento de seus proprietários bem poderiam chamar a atenção de pessoas indesejáveis.

Esta previsão cumpriu-se plenamente no decorrer dos dias que se seguiram. Na Grã Bretanha, o grande número de carros, casas, apartamentos e lojas sem dono, provaram ser tentação demasiado grande para os moradores do mesmo bairro, sem falar no ladrão comum. Os moradores assaltavam as casas vizinhas retirando de lá o que lhes convinha. Acontecimentos semelhantes eram registrados em outros países, e parecia que a lei e a ordem estavam desaparecendo.

Gerry comeu qualquer coisa às pressas e depois foi à casa de vários vizinhos, alguns dos quais estavam tão ansiosos e angustiados quanto ele. Por todo lado acontecia a mesma coisa. Os negócios ficaram esquecidos enquanto grupos de pessoas ficavam pelas ruas discutindo o que havia acontecido, tentando explicar e dar uma solução para o problema. A explicação do Professor Richardson ganhou alguns adeptos, embora a maioria permanecesse cética, mas que outra explicação haveria?

Ele telefonou novamente à casa da sua sogra, mas não conseguiu resposta; então tomou um ônibus e foi até lá. Ninguém atendeu à porta e ele não via jeito de entrar. Susan havia desaparecido e parecia que sua mãe também.

Foi até a Delegacia, mas o sargento afobado nada mais fez a não ser apontar para uma nota datilografada afixada na parede. “Não foi encontrado o menor vestígio de qualquer das pessoas desaparecidas ontem às 5 horas. Os parentes serão notificados tão logo haja alguma novidade”. Não havia nada que ele pudesse fazer. Certamente era uma “sexta-feira negra”. Telefonou ao escritório para dizer que chegaria um pouco mais tarde. “Não é preciso”, disse o chefe. “Fechamos até segunda-feira. Metade dos empregados da firma desapareceu.”

Sábado não foi diferente. Grupinhos de pessoas sérias e compenetradas, sem saber o que fazer, se ajuntavam nas ruas conversando e perguntando umas às outras qual seria a explicação para os acontecimentos.

As condições em alguns outros países eram piores ainda. O desaparecimento do Presidente dos Estados Unidos e de alguns governadores e senadores havia criado o medo da anarquia. Conflitos haviam estourado em Chicago. Nova Iorque e outras cidades; tropas do exército eram chamadas para estabelecer a ordem.

Holanda, Bélgica e Suíça, foram seriamente afetadas, e a Alemanha e França estavam em estado de caos. A Rússia, China e outros países comunistas foram muito menos atingidos e as condições eram quase normais. “Se os acontecimentos recentes se deviam, como era esperado, a uma invasão de outro planeta”, dizia o locutor do rádio, “a relativa imunidade dos países comunistas pode ser a chave da ideologia política prevalecente naquele planeta”.

Assim, as horas de sábado se arrastaram como se presas com cordas de ferro. Como muitos outros, Gerry foi se deitar fisicamente exausto, atribulado, triste e ansioso. Não estava mais perto de resolver o problema de Sue e, ao colocar a mão no outro lado da cama, tão vazio, chorou de saudade.

.oOo.

UM DOMINGO NEGRO

O domingo raiou — calmo e ensolarado — e muitos, com corações pesados, se lembravam do domingo anterior, igualmente ensolarado, e de tudo o que acontecera na semana finda. Na casa dos Peters, Terence anunciou para surpresa dos seus pais, que iria à igreja.

“Ninguém mais parece ter uma resposta”, disse ele. “Quero saber se a religião pode explicar o que aconteceu esta semana. Se o pastor não puder nos ajudar em época como esta, sua religião não me vale nada.”

Em outro bairro de Kilsett, Dick Tracey estava inconformado com a perda de Joan Waters. Sua mãe tentara consolá-lo, mas em vão. Seus pensamentos voltavam continuamente àquele momento quando, no meio da conversa, ela havia desaparecido tão súbita e inexplicavelmente.

“Acho que vou à igreja hoje,” ele disse à hora do café. “Domingo passado fui com Joan.” E, levantando-se, saiu apressadamente dominado pelas emoções.

Gerry Batchelor levantou-se com a mesma ideia. Domingo.,. Domingo passado ele estivera com Susan em St. Andrews. Ele voltaria lá hoje, mesmo que fosse só por amor a ela.

Por todo o país, e em muitas outras nações, vítimas enlutadas estavam agindo da mesma forma. Em muitas cidades, entretanto, não era fácil achar uma igreja aberta. Muitas traziam apenas um aviso de que não haveria

serviço religioso devido ao desaparecimento dos seus líderes. As que estavam abertas se achavam superlotadas, e a B.B.C. anunciava que havia meio século não se registrava frequência tão grande às igrejas. Muitos repórteres depararam com a inusitada cena de ouvintes de pé nas entradas ou assentados nos degraus.

Como muitas outras, a igreja de St. Andrews estava apinhada. Havia quase o mesmo número do domingo passado, sendo que várias pessoas que nunca haviam antes pisado em igreja estavam lá, aquela manhã. Era evidente que buscavam auxílio e consolo. O pastor teria uma tarefa árdua se quisesse satisfazer a necessidade espiritual de toda a sua congregação. O jovem repórter, cuja reportagem dos sermões do Dr. Broughton tanto aborrecera o pastor, lá estava na primeira fila, já escrevendo furiosamente sobre o número de pessoas no templo falando do reavivamento da religião.

Quando o Dr. Parkinson tomou seu lugar no púlpito muitos se assustaram com a sua aparência completamente desfigurada. Não viam mais diante de si aquele homem elegante e cortês. Em seu lugar estava um homem abatido e preocupado, aparentando no ter dormido por muitas noites (o que era verdade), e curvado sob um sofrimento esmagador. Não anunciou o hino inicial, não levantou a sua voz em oração nem leu as Escrituras. Começou a dizer imediatamente aquilo que trazia no coração.

“Queridos amigos,” ele disse, “com a exceção de domingo passado, esta igreja nunca esteve tão cheia como hoje. Eu sei, naturalmente, porque a maioria está aqui. Alguns sem dúvida esperam que eu possa explicar o que aconteceu. Sei exatamente como se sentem. Vocês têm-se perguntado estes dias: ‘O que aconteceu? Onde foram?’ São perguntas que eu também tenho feito, porque na última quinta-feira, minha mulher desapareceu quando tomávamos chá juntos.”

Gerry e alguns outros mostraram surpresa. Não sabiam, à exceção de algumas pessoas, da perda pessoal do pastor. Não era à toa que estava tão abatido. “Tenho pregado, deste púlpito, sobre muitos tópicos,” continuou ele, “mas nunca falei sobre o assunto que foi o tópico principal dos dois sermões do Dr. Broughton no último domingo, isto é a volta do Senhor Jesus Cristo. O ensino bíblico é bem claro, embora eu não percebesse antes a sua nitidez. A Bíblia declara claramente que Jesus Cristo, que morreu há dezenove séculos, foi sepultado, ressuscitou e subiu ao céu, voltará, e que quando voltar aqueles que são seus, serão arrebatados juntamente com ele, exatamente de acordo com o que o Dr. Broughton disse no último domingo. O apóstolo Paulo diz na sua primeira carta aos Tessalonicenses que os cristãos mortos ressuscitarão e juntamente com os cristãos vivos, serão

chamados para o seu encontro com o Salvador. Aqueles que são de Cristo serão levados, e os que não são serão deixados.”

O ambiente na igreja estava elétrico. O Rev. Parkinson ficou silenciosamente a fitar aquela enorme congregação por alguns instantes, depois disse solene e pausadamente: “Não posso ver outra explicação para os acontecimentos da última semana. Creio que Cristo já veio, e que os nossos queridos foram arrebatados para encontrá-lo nos ares, e que nós ficamos para trás. Não haverá serviço religioso nesta igreja hoje. Não tenho mensagem para lhes dar, nem consolo para oferecer. Cristo já veio, e agora é tarde demais. Não há esperança. Falhei miseravelmente, pois era minha responsabilidade avisá-los e eu nunca o fiz. Não vou tentar abençoá-los, pois seria transformar a bênção pastoral numa pilhéria. Não posso sequer dizer “que Deus os abençoe” É tarde demais, também. A reunião está encerrada.

Ouviu-se um alto soluço no meio da congregação. O repórter saiu depressa: tinha matéria para uma ótima reportagem. Quando o pastor deixou o púlpito, não foi até a entrada despedir-se dos membros da congregação. Voltou-se, entrou no vestibulo, tirou lentamente a sua vestimenta, pendurou-a e saiu pela porta do fundo, deixando uma congregação atordoada ainda assentada.

Quem poderá descrever o desespero que se apoderava daqueles corações “Não há esperança”. “É tarde demais!” Lentamente, sem dizer palavra, foram saindo um a um com passos vagarosos e pesados.

Gerry Batchelor voltou para casa vagarosamente. A teoria fantástica do Professor Richardson sobre uma invasão do espaço não o impressionara muito. Não tinha a menor lógica, mas a afirmação do pastor, tão pouco tempo depois dos dois sermões do Dr. Broughton era muito mais convincente.

Então, era isso mesmo que acontecera. Cristo voltara e Susan fora levada. Com o coração oprimido pela saudade e pelo desespero que se apoderava dele, Gerry dizia baixinho: “Nunca mais a verei. Fico contente em saber que ela está bem. Mas... nunca mais nos encontraremos. É tarde demais...”

Voltando para a casa paroquial o Rev. Parkinson jogou-se na cadeira. “Falhei,” pensava ele. “Eu sou seu pastor, eles são o rebanho que me foi confiado, e eu falhei. Tinha a Palavra de Deus na minha mão para ensiná-los e nunca ensinei porque duvidava da sua veracidade. Era minha a responsabilidade de mostrar-lhes o caminho e de avisá-los do perigo de não segui-lo. Mas como poderia ter falado se eu mesmo não cria? Falhei, e estas pobres ovelhas estão perdidas devido ao meu fracasso. Nada posso fazer para ajudá-los. É tarde demais... Estão perdidos e é tudo culpa minha...”

Deliberadamente, com perfeita consciência do que fazia, O Rev. Frank Parkinson, Bacharel em Artes, Doutor em Teologia, levantou-se, foi até o quarto, abriu o armário de remédios e tirou um vidrinho em cujo rótulo estava escrito “Veneno”. Assentou-se, abriu o vidro e tomou o seu conteúdo de um gole só. Perdendo a respiração, passou por minutos de agonia horrível, até que encostou sem sentidos, expirando. O pastor fora prestar contas!

Gerry Batchelor preparou seu almoço, ligou o rádio e assentou-se. O locutor falava de inúmeras igrejas fechadas em todo o país e de outras completamente lotadas. Em muitas o serviço religioso fora efetuado como normalmente o era, e o repórter dizia que a maioria dos dirigentes havia, com muito bom senso, aconselhado àqueles que ficaram que deveriam procurar ajustar-se à vida sem os seus queridos. A vida tinha que continuar, não obstante os recentes acontecimentos, verdadeiramente catastróficos. Em outros casos, entretanto, os ministros não puderam dirigir os cultos normalmente e haviam despedido a congregação.

“Aconteceu uma coisa muito interessante em Birmingham,” continuou o locutor. “Em certa igreja batista, completamente lotada, o ministro informou à congregação que o fim do mundo era iminente, e que todos os verdadeiros cristãos haviam sido retirados antes do julgamento de Deus sobre o mundo. Parece, que no domingo anterior ele havia exortado a igreja em termos reavivalistas, dizendo que eles tinham perante si uma escolha, a de se perderem ou se salvarem, acrescentando, que embora pastor, ele se achava na mesma situação da congregação.

“É justamente o que o Sr. Parkinson disse”, pensou Gerry. Então outros ministros estavam dizendo a mesma coisa à sua congregação.

O locutor continuou dizendo que a opinião mais aceita era aquela do Professor Richardson, quando dissera que uma invasão invisível do espaço era a única explicação plausível, mas como poderiam prevenir-se contra algo invisível? Ninguém poderia ter a mínima ideia de quando, onde ou como o ataque seguinte viria. Se isto era realmente verdade, não havia nada que pudessem fazer, a única atitude sensata era aproveitar a vida dia a dia sem pensar no futuro.

Boa parte dos jovens chegou à conclusão de que esta seria a atitude mais sensata e começaram a tentar aproveitar a vida ao máximo durante os meses que se seguiam. Infelizmente as suas ideias de aproveitar a vida eram baseadas em completa indiferença à autoridade e inteira falta de respeito pela propriedade alheia, sendo que estavam prontos a quebrar um restaurante ou bar, jogar um velho no lago, amarrar uma senhora de cabeça para baixo no galho de uma árvore, ou cortar os pneus dos carros. Quanto

maior fosse o mal feito aos outros e às suas propriedades tanto maior era sua alegria

Gerry Batchelor sentiu que a ideia do Rev. Parkinson era a mais lógica. O que a Bíblia ensinava tinha realmente acontecido, e quando começou a pensar nas pessoas que conhecia pessoalmente que haviam desaparecido, sentiu-se obrigado a reconhecer que eram o que o Dr. Broughton havia classificado de “verdadeiros crentes,” ou “verdadeiros cristãos”. Não havia mais dúvida na sua mente de que Cristo viera, como a Bíblia ensinava, levando todos aqueles que eram Seus.

“Que tolo que eu fui”, pensou Gerry. “Susan sabia. Ela estava certa, e eu poderia estar agora ao seu lado, para sempre. Aquele pregador de Birmingham estava certo quando disse que só havia duas condições possíveis para nós: sermos salvos ou perdidos; não havia meio termo. e eu agora estou perdido. Para sempre! E não tenho uma centelha de esperança.”

O problema da reorganização se tornara extremamente difícil. Tantas pessoas em postos-chave haviam desaparecido que a reorganização teve que ser total em vários setores. Havia vagas em escritórios, lojas, fábricas e instituições, quase impossíveis de serem preenchidas com os funcionários existentes, e muitas pessoas se viram promovidas de uma hora para outra, ocupando posições para as quais não estavam preparadas.

Em algumas firmas os desaparecidos eram insubstituíveis e, no entanto, o negócio tinha que continuar. Muitas sociedades religiosas e de caridade se viram com apenas um ou outro funcionário, ou sem ninguém. Membros da tripulação de navios, e maquinistas das estradas de ferro haviam desaparecido. E era preciso substituí-los imediatamente para evitar a total paralisação de todo o sistema de transporte. A vida era verdadeiro tumulto, e em todos os setores a produção e a eficiência foram seriamente afetadas.

Para aumentar as dificuldades do governo surgiu uma crise bancária sem explicação, Tornou-se de fato tão séria, que os Ministros das Finanças da Europa foram obrigados a considerar a possibilidade de centralizar o controle de todos os bancos da Grã Bretanha e dos países europeus fora do grupo comunista. A discussão se arrastava e a situação dos bancos piorava.

A igreja não tinha mensagem para o povo nestes dias de dificuldades que atravessavam. Um bispo convidado pela B.B.C. para proferir uma palestra disse: “De que adianta? Nada tenho a dizer.” O arcebispo de Canterbury de quem todo o país esperava liderança espiritual, estava estranhamente calado, e o povo em geral passou a considerar a igreja como inconsequente e inútil.

Já que o ensino da igreja era tão insignificante e sem valor, o público concluiu, depois de algum tempo, que os casamentos religiosos não tinham mais qualquer significado, passando a casar-se somente no cartório. Aliás, com o sentimento dominante de libertação do domínio de antiquadas ideias religiosas, muitos achavam desnecessária qualquer forma de casamento. Gerry Batchelor ficou chocado quando, apenas um mês após o desaparecimento de sua esposa, recebeu a visita da jovem e atraente Sally Gardiner, cujos pais também haviam desaparecido. Ela disse que não podia viver sozinha numa casa tão grande e convidou-o a morar com ela. Quando ele respondeu que não poderia casar-se assim tão depressa e que de qualquer forma seu coração pertencia inteiramente a Susan, Sally respondeu imediatamente que não havia pedido que se casasse com ela, e que nem queria seu coração, só queria alguém para viver com ela. Gerry despediu-a delicadamente e disse que a igreja poderia ter perdido seu significado, mas que ele ainda tinha os seus padrões de conduta.

Ela saiu dizendo que telefonaria na semana seguinte, mas Gerry veio a saber logo depois que uma turma de doze rapazes havia invadido a casa de Sally e violentado a jovem. Seu corpo, todo mutilado, fora encontrado boiando no rio. Ele até ficou a imaginar se não deveria ter aceito seu apelo. “Coitada da Sally,” dizia consigo. “Tão jovem e cheia de vida, antes de acontecer tudo isto e ela perder os seus pais! Eu poderia tê-la protegido, e agora ela está morta. Morreu por causa dos meus padrões morais. E que valor têm eles agora?”

.oOo.

O PROBLEMA FINANCEIRO

Por alguns dias depois da “invasão”, como ficou sendo chamado o desaparecimento das pessoas (em respeito, naturalmente, à explicação oficial de que teriam sido raptados por invasores de outro planeta) todos os bancos da Grã Bretanha, Europa e Estados Unidos foram fechados. Isto evitou uma corrida aos bancos, mas depois de uma experiência de quinze dias, ficou evidente que havia apenas uma atitude a ser tomada. O Ministério das Finanças da Grã Bretanha anunciou que os bancos seriam nacionalizados sob a liderança do Banco da Inglaterra. Vários outros países tomaram atitude semelhante.

Não era tão simples resolver a crise da indústria e a tremenda perda de produção custou à Grã Bretanha uma queda quase total na exportação. Em três meses, os balanços comerciais contavam sua história: o país estava falido! O governo tomou medidas de emergência, mas a moeda perdeu seu valor como nunca em toda a sua história e as condições econômico-financeiras iam de mal a pior. Desvalorização drástica não conseguiu o efeito desejado e os economistas anunciavam o completo colapso nacional. O Primeiro Ministro novamente falou à nação, instando todos a que ficassem calmos e confiassem no governo, dizendo ter absoluta certeza de que seria achada uma solução.

“Só há uma solução,” dizia um economista. “Já nacionalizamos os bancos. Agora é preciso centralizar o controle financeiro de todos os países europeus, escolhendo um pequeno número de homens altamente especializados, entregando nas suas mãos o controle financeiro e econômico.”

No dia seguinte sua sugestão estava em todos os jornais, citada na Europa e na América. Naquela mesma tarde perguntaram ao Primeiro Ministro o que ele pretendia fazer. Um membro da oposição exigiu e conseguiu um debate de emergência sobre a posição econômica. O governo foi derrotado por grande maioria em uma moção de censura e o Primeiro Ministro recomendou a dissolução do Parlamento e uma eleição geral.

A rainha aceitou o pedido de demissão dos seus ministros, mas como era prerrogativa sua, resolveu consultar um grupo de estadistas experimentados. Finalmente foi anunciado que, em vista da gravidade da situação, declarara-se estado de emergência. O Parlamento havia sido dissolvido e o governo estaria sob o controle de um Conselho de Estado, composto por seis nobres bem conhecidos, a Rainha, seu consorte e o Príncipe de Gales. Os departamentos governamentais comunicar-se-iam diretamente ao Conselho de Estado e as ordens seriam dadas, quando necessário.

Uma semana mais tarde os jornais só falavam dos passos dados pelo Conselho de Estado para enfrentar a crise econômico-financeira. Os depósitos bancários foram congelados e empréstimos cortados; as retiradas não poderiam exceder dez libras semanalmente, a não ser que se tivesse uma licença especial; a libra foi desvalorizada em 15%, e a taxa bancária subiu a 10%. O público estava estupefato. O que estaria acontecendo?

Além disso, chegaram notícias de negociações urgentes entre a Grécia, Espanha, Portugal e os países do Mercado Comum Europeu, realizadas em Genebra com o objetivo de centralizar o controle dos negócios financeiros das nações representadas, criando uniformidade de moeda, taxas

alfandegárias, impostos, taxas postais, etc. unificando as leis comerciais, planejando equiparação salarial e assim por diante.

Como medida de extrema urgência a Comunidade Europeia passou a ter dez membros, sendo que os recém admitidos assinaram o “Pacto de Roma,” aceitando todas as suas cláusulas. Todas as barreiras alfandegárias entre os dez países foram retiradas, e todos os acordos preferenciais com outros países foram suspensos até que a Comissão negociasse novos acordos, benéficos a toda a Comunidade.

Foi combinado que um dos primeiros passos seria a racionalização da indústria em toda a Comunidade com a eliminação de mercadoria em duplicata e produtos desnecessários. Uma vez que o pacto de Roma tinha previsto em 1957 a eventual probabilidade de decisões deste tipo, deixara margem à equiparação salarial, eliminara a discriminação contra trabalhadores estrangeiros e criara as bases de um Fundo Social Europeu para assegurar a integração e o sustento apropriados para os trabalhadores que tosem obrigados a mudar de um país para outro. O transtorno foi menor do que se esperava.

Muitos operários afirmavam confiantemente que os sindicatos de classe os protegeriam contra qualquer atitude injusta, mas logo perceberam a extensão do controle executado pela Secretaria da Comissão para os Sindicatos de Classe. A liberdade parecia mesmo ter desaparecido.

Na Grã Bretanha, o Parlamento foi oficialmente dissolvido. O decreto para sua dissolução dizia que um novo Parlamento seria designado no devido tempo, mas que, obviamente, seus poderes teriam que ser determinados à luz da formação da nova e grande Comunidade Europeia.

A organização que pouco a pouco veio a conhecimento público foi planejada para cobrir todos os setores de governo do novo corpo internacional. Foi combinado que cada país membro teria seu próprio Parlamento, mas que estes seriam iguais em termos de formação e funcionamento, e que cada estado seria dirigido por um presidente: onde houvesse monarquia, o soberano seria apontado como presidente por um número de anos a ser estabelecido posteriormente.

A Comunidade Europeia teria o seu próprio Parlamento, um conselho executivo e deveriam ainda ser apontados Ministros Europeus e um Presidente.

Nas discussões em Genebra, as propostas mais amplas foram aprovadas, tendo por base o princípio de que os Ministérios seriam chefiados por representantes dos dez países. Cada país, portanto, escolheria um dos seus

homens públicos, não apenas como Ministro, mas como seu representante no Conselho Executivo. Cada país estava extremamente ansioso para nomear o primeiro Presidente da Comunidade, e foram feitas as indicações. No final cada candidato recebeu o voto do seu próprio país.

Quando os resultados foram conhecidos. Victor Essel, o secretário voltou-se impacientemente aos representantes e disse: “Senhores, ue cena ridícula! Estamos planejando uma nova organização para salvar a Europa do desastre eminente, e todos colocam os seus interesses nacionais antes do interesse geral. Proponho que façamos nova votação.”

Imediatamente a discussão tornou-se generalizada e finalmente o secretário disse: “Parece impossível chegarmos a um acordo. A única outra alternativa é deixar vago o lugar até que encontremos uma solução definitiva. Naturalmente todos concordarão que os necessários poderes serão dados ao secretário até que seja feita a escolha.”

Os delegados calaram-se. Que outra alternativa haveria? Será que este homem havia previsto o que iria acontecer? Se assim fosse, tinham caído numa armadilha bem preparada. Ninguém ofereceu retirar o nome do seu candidato, e ninguém tinha outra proposta a fazer. Será que passou pela face do secretário um sorriso irônico, enquanto esperava resposta, ou era apenas uma sombra lançada pela cortina que era balançada pela brisa?

Finalmente chegaram à conclusão que Victor Essel seria designado primeiro Presidente da nova Comunidade Europeia por um período de cinco anos.

“Eu queria sugerir que fosse escolhido outro centro para o Conselho Executivo de Ministros, que no Genebra,” disse Lord Caldrik. “Bruxelas, Paris e Genebra já são e continuarão a ser sedes de organismos internacionais. Londres, talvez não seja aceita por não ser suficientemente central. Poderia sugerir Roma?”

Ninguém discordou e foi resolvido então que Roma seria, por assim dizer, a capital da Comunidade. A nova organização estava funcionando em tempo incrivelmente curto — mais uma prova da grande eficiência, do poder de julgamento e da capacidade administrativa do novo Presidente. Cada país mandou seus representantes para o Parlamento da Comunidade e, no espaço de um mês, por mais incrível que pareça, realizava-se a primeira reunião daquela entidade.

Os Ministros já haviam sido designados e funcionavam como conselho executivo. O processo de racionalização da indústria dos sistemas bancários e da legislação já havia começado. Era óbvio que demoraria muito reestruturar aquilo que se desenvolvera através de séculos, mas o dinâmico e imponente Presidente estava resolvido a alcançar todos os objetivos no

tempo mais curto possível. Trabalhando ele mesmo com uma fúria inspirada, fazia com que os Ministros também agissem sem demora e exigia decisões imediatas.

O fato de a salvação da Europa, se não do mundo todo, depender de seu sucesso, levava o executivo a uma atividade sobre-humana, até que o “impossível”, fosse atingido. É verdade que em certas áreas, apenas se podia chegar a princípios gerais sobre o que deveria ser feito. mas depois de um ano o alicerce estava pronto. e outros ainda se ocupavam — trabalhando febrilmente — em elaborar os detalhes.

Por todos os lados só se ouviam elogios à energia e perspicácia do Presidente. Victor Esse! tinha uma personalidade dominante e ao mesmo tempo, simpática, sabendo cativar a simpatia de todos. Dizia-se que se fosse preciso ele conseguiria cativar e conquistar o próprio diabo.

Dick Tracey estivera em contato com ele em certa ocasião e depois contou a Gerry Batchelor o que pensava: “Não aguento os olhos dele. São tão penetrantes que a gente se sente como se ele estivesse lendo os nossos pensamentos e motivos. A sua personalidade atrai as pessoas a ele, mas seus olhos as repelem. Se eu não soubesse de todo o bem que já fez, diria que há algo essencialmente maligno nele, e que aparece no seu olhar. Mas sem dúvida deve ser tolice minha.”

“Será que é mesmo tolice?”, pensava Gerry. mas achou desnecessário continuar o assunto.

Uma vez estabelecidos em bases sólidas os negócios internos da Comunidade, o Presidente, cuja versatilidade e grande capacidade se demonstraram claramente no campo interno, dirigiu sua atenção aos negócios externos. O novo bloco formado pela Comunidade podia apresentar-se em termos de igualdade ante o bloco Comunista ao Oriente, e aos Estados Unidos ao Ocidente. e Essel pretendia claramente manter equidistância das duas potências no que se referia aos assuntos europeus. A América que enfrentasse o seu problema sozinha ante a ameaça da China.

Os esforços feitos antes da “invasão”. pelos quatro “grandes poderes” e pela agora extinta ONU, no sentido de resolver o problema do Oriente Médio, haviam sido completamente inúteis. A constante rivalidade entre árabes e judeus e a ameaça contínua de nova guerra eram fontes de preocupação em todo o mundo.

O Presidente Essel convidou os líderes dos países em questão para visitarem Roma; ofereceu-lhe recepções e conversou com eles. Depois, sem consultar os membros da Comunidade Europeia, fez um repentino convite ao Egito, Síria. Jordânia e Israel, para que se reunissem em Roma sob a sua orientação para explorarem a possibilidade de um acordo.

Para grande surpresa dos críticos, o convite do Presidente foi aceito por todas as partes e para maior surpresa do mundo, chegaram a um acordo e assinaram um tratado depois de apenas uma semana de negociações. Os representantes de Israel se recusaram a assinar, a não ser que recebessem uma garantia específica de proteção no caso de uma invasão.

O Presidente Europeu não hesitou e, a fim de conseguir o acordo, ele prometeu a proteção das forças da Comunidade. Os judeus pediram garantia de dez anos. Essel ofereceu por cinco, mas finalmente chegaram a um acordo, estabelecendo este compromisso para sete anos a partir da data da ratificação do tratado.

A notícia foi anunciada aquela noite pelo próprio Presidente, o que constituiu grande surpresa para os Estados Unidos, descontentes por terem ficado totalmente alheios às negociações. O tratado foi ratificado por todos os países e pelo Parlamento da Europa, e o mundo deu um suspiro de alívio, por ter se achado finalmente uma solução para aquele problema aparentemente insolúvel.

Victor Essel já havia ganhado o respeito do mundo devido ao que conseguira na Europa, particularmente pela maneira com que havia achado soluções para os problemas financeiros e econômicos dos países da Comunidade. Agora via-se aclamado não somente como especialista econômico e gênio financeiro, mas também como notável estadista e diplomata.

Quando ele apareceu na tela da televisão (que agora fazia parte de todas as casas e apartamentos e no qual o controlador de TV mostrava o que era considerado apropriado aos espectadores, que não podiam mudar e nem desligar o aparelho), sua apresentação calma e lógica dos fatos, sua tranquila autoconfiança, sem traço de orgulho, não poderiam deixar de convencer os espectadores de que ele era realmente um homem merecedor de confiança e respeito — um gigante político e intelectual em um mundo de anões.

Algumas semanas mais tarde, Gerry Batchelor achava-se em uma fila na estação ferroviária esperando o trem que deveria levá-lo ao continente, para onde fora transferido como consequência da reestruturação industrial. Enquanto esperava viu dois amigos de Kilsett. Dick Tracey parecia triste e desanimado. mas Terence Peters cumprimentou-o alegremente:

“Como é? Já está saindo de férias?”, perguntou. “Não”, respondeu Gerry. “Fui transferido para Paris.”

“Isso é mau”, disse Dick. “Nossas vidas já não nos pertencem mais, atualmente”.

“Ora, não seja ingrato”, disse Terence Peters. “É um milagre que nós ainda estejamos vivos, com roupa, comida e emprego. Vivemos uma nova época agora, e temos que nos ajustar às novas ideias. Afinal realmente devemos tudo à sabedoria e capacidade de um homem.”

“É verdade”, Gerry respondeu. “Mas eu estou um pouco assustado. Você se lembra daquele domingo em St. Andrews, quando o Dr. Broughton pregou?”

“Eu, pelo menos, nunca o esquecerei”, disse Dick Tracey. “Foi logo antes da invasão. Não consigo esquecer a Joan. Que tolo fui! Não consigo viver sem ela. Qualquer dia deste me joga debaixo de um trem ou de um ônibus.”

“Ora, não seja tolo,” disse Terence. “Mas o que você quis dizer quando você disse que estava assustado, Gerry?”

“Bem”, respondeu ele. “Entre outras coisas que o Dr. Broughton apontou como indicativas da proximidade da volta de Cristo para levar aqueles que ele chamou de “verdadeiros cristãos” estava a formação de uma Comunidade Europeia. Ele chegou até a dizer que haveria dez nações e que estas seriam completamente integradas sob uma forma benevolente de governo ditatorial.”

“Nossa! Isso mesmo,” disse Dick. “Justamente o que estamos vendo hoje”.

“Mas você no lembra o que ele continuou dizendo?”, insistia Gerry. “Ele disse que o ditador faria um tratado com Israel por sete anos. Não é o que acaba de acontecer?”, disse Dick.

“É verdade E eu me lembro muito bem das outras coisas que disse”.

Ele lhes deu as costas e saiu andando, a tristeza e o desânimo personificados.

“Puxa. Ele está mesmo desesperado,” disse Terry. “De certo modo ele tem razão. Mas e daí! O meu lema é “comamos, bebamos e nos alegremos, porque amanhã morreremos.” É melhor aproveitar a vida, e é isto o que eu estou fazendo: vinho, mulheres e música para mim. Saí de Kilsett e estou morando aqui em Londres, numa casa com um grupo de outros rapazes e moças e fazemos o que bem entendemos”.

“Você quer dizer...”, começou Gerry.

“Isto mesmo, amigo.” Interrompeu Terry. “Se quero uma garota, ela é minha. Divirta-se, seu bobo. Susan desapareceu e você nunca mais a verá”.

Uma sombra passou pelo rosto de Gerry. “Você pode estar certo de alguma forma,” disse ele, “mas nunca poderei esquecer Susan. Ela era tudo para mim”.

Mas a fila já se adiantava e ele apressadamente se despediu de Terry e seguiu a multidão.

.oOo.

O CALEIDOSCÓPIO DO ORIENTE MÉDIO

As negociações em Roma estavam terminadas e o acordo assinado. Depois de cinquenta anos de hostilidades, a paz afinal fora realmente alcançada, e garantida pela poderosa Comunidade Europeia. Mesmo a ameaça velada de interferência por parte da Rússia parecia perder seu significado. O Oriente Médio poderia afinal acomodar-se e os seus povos poderiam viver amistosamente, uns com os outros.

A quarta-feira seguinte foi declarada feriado oficial judeu e houve cenas de regozijo em toda a parte. Milhares se ajuntaram ante o Muro das Lamentações para assistir ao ofício religioso de ação de graças dirigido pelo Rabino Principal, que novamente reconheceu o quanto Israel devia ao Presidente Essel. Mais tarde, o Knesset emitiu um voto formal de agradecimento e apreciação pelo muito que fizera o líder europeu em prol da paz. O que era considerado simplesmente impossível fora realizado, e grande era o sentimento de gratidão, principalmente nos países mais diretamente afetados. Posteriormente, no mesmo ano, Victor Essel recebeu o Prêmio Nobel da Paz.

As decisões alcançadas em Roma foram levadas a efeito; os limites de Israel foram modificados. Os israelitas ficaram de posse da faixa de Gaza, de toda a Jerusalém, e da margem oeste do Jordão, mas tiveram que entregar a península do Sinai. A Jordânia teve que pagar um alto preço pela paz, e ficou claro que os dois países teriam que trabalhar em íntima união se a Jordânia quisesse sobreviver.

Logo depois as discussões recomeçaram relativas ao uso de alguma parte do Haram-al-Sharif, ou área do templo, para a construção de um novo templo judaico, perto do Domo da Rocha. A princípio, os líderes muçulmanos ficaram firmes no propósito de não concordar, mas os judeus achavam absolutamente inadiável a construção do templo. Chegou-se,

assim, a um impasse, mas um apelo feito por Israel a Roma determinou nova intervenção por parte do Presidente Essel, do que resultou um acordo para se usar parte da área para a finalidade desejada. Tão grande era o entusiasmo entre os judeus de todo o mundo que ficou bem claro que o trabalho no poderia ser adiado, e os judeus estavam com o templo pronto para a cerimônia de abertura, dentro de seis meses.

As autoridades políticas e eclesiásticas de todos os países foram convidadas à abertura e muitas vieram de todas as partes do mundo. Gerry Batchelor assentado em um café de Paris, viu e ouviu a reportagem pela TV. Novamente voltou em pensamento àquele inesquecível domingo em St. Andrews. “É exatamente o que o Dr. Broughton esperava”, pensava ele, “mas ele falava também de outra coisa que aconteceria no templo, que não aconteceu hoje. O que será, não me lembro! Será que eu consigo uma Bíblia? Quem sabe lendo-a, consigo descobrir o que era. Deveria ter guardado aquela que Susan me deu”.

Sua procura nas livrarias de Paris não resultou em nada. Muitos dos vendedores não conheciam a Bíblia, e os poucos que conheciam diziam que não houvera procura de tal livro por muito tempo. Em conversa à noite com o zelador do seu apartamento. Gerry contou-lhe do seu desejo de adquirir uma Bíblia. “La Sainte Bible”, disse ele. “Sim, conheço o livro. Se quiser aguardar um minuto penso que uma senhora que morou aqui por muitos anos possuía uma”.

Era verdade e, como a Bíblia era inglesa, Gerry aceitou-a agradecendo com sinceridade; levando-a para o seu apartamento, começou a lê-la. Ele não tinha ideia de onde começar, mas lembrou-se de que o Dr. Broughton se tinha referido a Tessalonicenses e Apocalipse. Então começou a ler as duas epístolas aos Tessalonicenses. Quando chegou ao quarto capítulo da primeira epístola seu coração quase parou de bater. “É isto mesmo que aconteceu”, ele pensou, “foram arrebatadas...”

“E Susan foi uma das que... para encontrar o Senhor nos ares. Por que não lhe dei ouvidos?” Não estariam separados para sempre se ele tivesse seguido o seu conselho, aceitando Cristo como seu Salvador. Por que não falara com o Dr. Broughton aquela noite? Mas agora era tarde demais.

Ele virou as páginas até chegar ao Apocalipse e começou a ler do início.

“Não entendo muita coisa disto aqui”, pensava enquanto lia e já ia desistindo quando chegou ao décimo terceiro capítulo e leu sobre a imagem que recebia vida e falava.

“É isto que ele citou aquele domingo”, Gerry pensou. “Bom, isto ainda não aconteceu. E, se é verdade, acho que pode acontecer daqui a pouco tempo. Ninguém vai adorar uma imagem”.

No entanto, parando para pensar, era verdade que palavras apropriadas apenas a Deus haviam sido dirigidas no passado a Stalin, Mussolini, Hitler, Nkrumah, Mao e outros, e que o povo também havia venerado os Césares. Mas agora estamos no fim do século XX, e tais coisas não acontecem hoje.

A consagração do templo, que Gerry havia visto na televisão, e a restauração formal de grande parte das características da velha religião causaram enorme efeito em Israel, apesar de todo o interesse na reconstrução do templo, não havia a mínima evidência de um reavivamento espiritual no país, e o culto religioso na Cidade Santa, era imponente e lindo de se ver, mas no passava de um rito formal sem nenhum conteúdo espiritual.

Havia, porém, em Israel, e também em outros países pessoas que estudavam as Escrituras a fim de descobrir se estas lançariam alguma luz sobre os acontecimentos; alguns começaram a ensinar que Deus um dia interviria nos negócios dos homens e estabeleceria seu Reino aqui na terra.

Em Jerusalém, no próximo sábado, enquanto o sol banhava o templo, realçando a beleza da mesquita e a glória do templo, grande multidão se reunia para o serviço religioso do sábado, que havia se tornado característico do novo Templo. Enquanto esperavam, o Supremo Rabino, ou um dos outros mestres, ouviram uma voz poderosa, e voltando-se na sua direção viram dois homens altos e fortes, de barba comprida, vestidos não à moda ocidental como a maior parte dos componentes da multidão, mas sim à moda árabe, de panos de saco, da qualidade mais inferior. Pareciam dois profetas do Velho Testamento, denunciando o pecado da nação, e exortando o povo a se arrepender e voltar novamente para Deus.

Os dois homens passaram para o outro lado do ajuntamento e um deles gritou novamente: “Arrependam-se, porque o reino dos céus está próximo”.

“É justamente isto que João Batista e Cristo pregavam há dezenove séculos”, dizia um turista. “Que original, não? Nunca se sabe o que se vai presenciar neste país”.

E o pregador continuou citando os fracassos da nação de Israel nos séculos passados, insistindo no seu apelo ao arrependimento.

“Não ouvimos a voz de Deus naqueles dias”, dizia um dos pregadores, o que mais falava. “Matamos os profetas e rejeitamos os mensageiros de Deus. Falamos de religião, mas esta nada significa para nós, além da observância de ritos cerimoniais. Não muda a nossa vida nem as intenções do nosso coração. Não nos ajuda a viver como devemos. Gastamos o nosso dinheiro na reconstrução de um lindo templo, que nada mais é que uma bela casca oca. Nos dias de Salomão o templo escondia a glória de Deus.

Mas não há nenhuma nuvem da glória de Deus neste prédio. Nossa religião é simples formalidade. Deus busca realidade e vida”.

O companheiro juntou-se a ele para proclamarem juntos: “Arrependam-se! Examinem as suas vidas e reconheçam como é mau o seu coração! Acordem! Deus disse que há de julgar o Seu povo, mas prometeu derramar o Espírito de graça e de súplica sobre os habitantes de Jerusalém. Ouçam a mensagem do céu. Deus nos chama para voltarmos a Ele, contritos e penitentes. Arrependam-se! O tempo já é quase findo. Arrependam-se”!

Causaram grande impacto, a apresentação e a evidente sinceridade destes dois homens; a multidão teve que ouvir atentamente o que eles diziam. Quando, porém, o Supremo Rabino subiu à plataforma, os guardas do templo e mais alguns policiais levaram os dois através da área aberta, descendo uma rua estreita nas proximidades do templo, mas suas vozes ainda podiam ser ouvidas gritando em uníssono: “Arrependam-se ! Arrependam-se”!

Para surpresa geral, o Rabino se referiu a eles como “possíveis profetas para os nossos dias”, cuja mensagem não poderia ser de todo ignorada. O seu método de proclamar a mensagem poderia deixar muito a desejar, mas a verdade é que a bênção final de Israel deve ser precedida de arrependimento nacional e confissão de pecados. Assim dizendo, exortou a multidão a ouvir a voz do céu. “Quando isto acontecer”, concluiu, “este templo novamente se encherá da glória do Eterno”.

Mais tarde, os dois pregadores se achavam ao lado do Muro das Lamentações repetindo a sua mensagem. Não se abalavam com críticas e nem com elogios, mas dia a dia continuavam gritando em voz alta, até que deixaram de ser considerados como originais, e o povo com o tempo se cansou daquela repetição monótona e sem inspiração.

“Eles já estão aborrecendo”, dizia o Ministro do Turismo certo dia em uma das suas reuniões com sua equipe de trabalho. “Precisamos dar um jeito de acabar com esta confusão. Vejam, até a imprensa estrangeira já está noticiando o fato”, e mostrou-lhes uma série de recortes de jornais ingleses.

Um por um leu os recortes onde estavam cabeçalhos como estes: “Pregador conclama um Israel culpado ao arrependimento”, “João Batista de volta”, “Novos Profetas Condenam os Judeus”. “Israel na Encruzilhada Religiosa”, “Nova Atração Turística em Israel”, “Pregadores Judeus dizem: Arrependam-se”.

Aquela mesma tarde, enquanto os dois pregadores estavam à Porta de Damasco, ainda exortando o povo ao arrependimento e confissão de pecados, quatro policiais fortes abriram caminho entre a multidão e pegando-os pelos braços disseram: “Vocês estão presos. Vamos!”

O mais alto dos dois olhou fixamente para o soldado e disse: “Tirem as mãos e deixem-nos em paz. Eu os aviso que as consequências serão sérias se assim não fizerem”.

“Ora, não seja tolo”, foi a resposta. “Se você desacatar a autoridade a acusação será maior. Fiquem quietos e venham”.

“Parem”, disse o pregador. Depois, ele e seu companheiro voltaram-se para os soldados, libertando-se das mãos que os seguravam e, com uma voz capaz de levantar os mortos, ele disse: “Deixem-nos em paz! Caso contrário, o seu sangue cairá sobre as suas próprias cabeças. Estão avisados!”

Os policiais estavam visivelmente abalados, mas novamente pegaram firmemente os braços dos dois homens e tentaram levá-los. Mas os dois pareciam estar grudados ao chão e nenhuma força conseguia removê-los. Depois um dos soldados, tomando o seu cacetete, deu um forte golpe na cabeça de um dos pregadores, ante os olhares surpresos da multidão. Os dois homens se libertaram sem dificuldade e tornaram a encarar os policiais.

Uma língua de fogo saiu de suas bocas caindo sobre os quatro soldados, e num instante seus corpos queimados jaziam no chão. Uma mulher gritou, e como se fossem um só, todos os que estavam reunidos se voltaram correndo, caindo um por cima do outro na sua grande pressa. Os fotógrafos chegaram ao local poucos minutos depois, e retratos dos pregadores e dos corpos queimados eram vistos por todo o mundo algumas horas mais tarde.

Gerry Batchelor viu-os na televisão quando estava no café em que sempre jantava. A inevitável tela estava em toda parte, mas às vezes era bem útil. Ele estava em companhia de um jovem francês e sua noiva, casal que conheceu no seu trabalho, na fábrica.

“Que coisa surpreendente”, disse Pierre. “Como poderia acontecer? Quem são estes homens?”

“Creio que são os dois homens de quem a Bíblia fala”, Gerry respondeu e, apanhando o livro que frequentemente carregava consigo, disse: “Ouçam”. E passou a ler alguns versículos do capítulo onze do Apocalipse. “É este o livro que os judeus aqui em Paris estão citando?”, perguntou Pierre. “Dizem que Deus vai voltar ao mundo e reinar aqui. Parece fantástico, mas eles estão inteiramente convencidos”.

“Por que não vamos a uma destas reuniões dos judeus?”, disse Marceile. “Poderíamos descobrir o que realmente creem e se, de fato, é viável. Falar em Deus vir à terra, parece loucura para mim”.

“Ótima ideia”, disse Gerry. “Já estive em uma das suas reuniões na Rue des Gebelins. Vamos até lá depois do jantar”.

A reunião era igual a muitas outras que se realizavam em Londres, Manchester, Glasgow. Nova Iorque ou Chicago. Em todo o mundo parecia

haver um reavivamento de interesse religioso entre os judeus, e muitas reuniões eram feitas para explicar o que a Bíblia dizia sobre o futuro,

Gerry e seus dois amigos ouviram atentamente o que dizia o pregador judeu na Rue des Gebelins. Era realmente notável e o jovem casal francês convenceu-se da realidade do que ele dizia.

Esta nova onda parecia estar ligada à pregação dos dois profetas modernos de Israel. Mas o Chefe de Polícia ordenara que fossem presos imediatamente aguardando o julgamento por homicídio. Mandou quatro carros de polícia com dezesseis homens armados, com autoridade de usarem as armas. Os carros foram até a Porta de Damasco a toda velocidade, esparramando a multidão enquanto passavam e acharam os dois homens ainda ali, olhando para aqueles corpos sem vida que jaziam aos seus pés. Os soldados formaram um semicírculo à sua volta e aproximaram-se, com as armas apontadas, quando uma chama partindo novamente da boca dos dois homens atingiu os dezesseis soldados, que caíram mortos e com seus corpos carbonizados. Os espectadores gritaram, enquanto fugiam do local, temendo pelas próprias vidas.

O Chefe de Polícia imediatamente fez um relatório para o Ministro do Interior acrescentando que nenhum homem nas Forças Armadas estava disposto a fazer nova tentativa para prender os dois milagreiros. O Ministro concordou com o Chefe de Polícia, dizendo que no momento não haveria realmente outra alternativa senão deixar que as coisas continuassem como estavam, e deu instruções à imprensa para que noticiasse que dois homens estavam tentando atrair atenção sobre si mesmos através de métodos sensacionalistas. mas que a situação estava sob controle.

Ordenou também que toda a polícia permanecesse armada, e disse ao chefe de Polícia com um sorriso cínico que, se algum soldado acidentalmente atirasse nos dois, sua carreira não sofreria por causa deste seu pequeno “erro”.

Mas, no dia seguinte a situação se tornou mais difícil, porque a voz dos dois pregadores se fazia ouvir pelas ruas da cidade: “Arrependam-se e voltem para Deus, senão, não haverá chuva”.

“Bem, desta vez acho que estão exagerando”, dizia um transeunte que ouvia o que diziam. “Só um milagre poderá impedir as chuvas que já estão se aproximando e que deverão cair a qualquer dia”.

Mas os dias passavam e a chuva não vinha. Seria desastroso se não chegasse logo, porque o país dependia inteiramente destas chuvas, Entretanto, enquanto o Jordão ainda corresse, alimentado pelas geleiras que derretiam no Monte Hermon, ainda haveria o necessário para o uso doméstico.

No entanto, os pregadores misteriosos se achavam agora às margens do Jordão, ainda exortando o povo ao arrependimento porque, se não o fizessem, teriam de enfrentar a Deus e o Seu julgamento. Sentindo-se irritados com a falta de água, um grupo de homens foi até eles certa tarde e apanharam pedras para arremessar contra os dois causadores da dificuldade em que se achavam.

“Larguem as pedras”, dizia o mais alto dos dois pregadores. “Como ousam levantar a mão contra os mensageiros do Senhor? Larguem-nas”. E, enquanto a multidão hesitava, continuou: “Arrependam-se e clamem a Deus. Se não, sofrerão pelos seus pecados. Vocês nos amaldiçoam porque precisam de chuva, mas Deus não manda a chuva por causa dos seus pecados. Se não se arrependerem e continuarem pecando, as águas se transformarão em sangue. Vocês confiam no Jordão, mas ficarão desapontados”.

A multidão, enfurecida, continuou murmurando palavrões e ameaças, até que finalmente as pedras começaram a voar. Mas nem uma delas tocava nos dois, era como se um poder misterioso as interceptasse.

O mais baixo dos pregadores, então levantou a sua mão sobre o Jordão, sem dizer palavra. Ante os olhares horrorizados e amedrontados do povo, o rio ficou vermelho como se as suas águas se transformassem em sangue. Depois disto, o governo continuou a ser atacado pela imprensa e no Knesset, mas como o Primeiro Ministro observara cautelosamente, não estavam lidando com homens normais.

Além disto, o que aqueles homens pregavam era o que os profetas de Israel também pregavam há muitos séculos. Um dos antigos profetas destruíra pessoas pelo fogo. Se aqueles dois homens eram o que diziam ser — mensageiros dos céus — como poderia o povo de Deus denunciá-los como perturbadores da ordem?

Enquanto o assunto era debatido no Knesset, ouvia-se o grito lá de fora: “Arrependam-se, ou experimentem o julgamento de Deus”. O barulho perturbou a discussão no Parlamento. Parecia que toda a população da cidade estava na rua, gritando e mostrando o ódio que tinha por estes dois pregadores, ameaçando linchá-los. Os dois homens voltaram-se para a multidão, depois levantaram as mãos para o céu. Um silêncio repentino caiu sobre a multidão. e ouviram um dos pregadores pedir a Deus que atacasse os seus perseguidores com pestilência e doenças. “Mostre que o Deus de Moisés ainda está vivo”, dizia um. “Traga doenças e chagas sobre os Seus inimigos”.

“Vamos linchá-lo”, gritou um homem, correndo para iniciar o ataque. Mas foi interrompido pelos olhares horrorizados dos companheiros que se

afastavam dele. Suas mãos estavam cobertas de feridas e sentia coçar o rosto e todo o corpo. Outros também foram afetados de várias maneiras; em poucos minutos a multidão voltou-se e fugiu correndo e empurrando uns aos outros.

À medida que os dois pregadores passavam pela cidade, nem uma pessoa ousava se aproximar deles, pelo contrário corriam e escondiam-se nas suas casas. Finalmente deixaram Jerusalém e passaram a viajar a pé pelo país, visitando cidade após cidade, levando o seu grito de aviso por onde quer que fossem, transformando as águas dos rios e riachos em sangue, lançando pragas e enfermidades sobre todos os que se lhes opunham.

Todo Israel sofreu as consequências dos seus sinais. Milhares morreram, e os hospitais estavam cheios de enfermos, vítimas das pragas que haviam caído sobre a terra. E ainda podia ser ouvido o grito dos dois profetas: “Arrependam-se. Está próximo o reino de Deus”. Este terrível ministério continuou por três anos, até que uma parte da população começou a levar o assunto a sério, e muitos em Israel e também em outras partes do mundo voltaram-se para Deus, confessando os seus pecados e reconhecendo a Sua soberania.

Certo dia, Gerry estava lendo sua Bíblia com muito interesse, quando Pierre e Marcelle chegaram.

“Você já ouviu falar do que está acontecendo em Israel?”, perguntou Marcelle. “Aqueles dois pregadores não somente lançam fogo contra seus perseguidores, mas transformam água em sangue e lançaram pragas e enfermidades sobre a terra. Parece incrível”.

“Mas é exatamente o que este livro predizia”, disse Gerry. “Vejam só”. E passou a ler alguns versículos do capítulo onze de Apocalipse. “Não é exatamente isto que estamos vendo hoje?”, ele perguntou.

“É mesmo”, disse Pierre. “Quer dizer que esses dois homens são realmente servos de Deus e não se deve resistir a eles”.

“Estão simplesmente pregando a mesma coisa que os judeus da Rue des Gebelins”, disse Marcelle. “Disseram que devemos nos arrepender dos nossos pecados e confessá-los, se realmente quisermos estar prontos quando o Cristo vier. É só isto mesmo que eles ensinam, e acho que estão certos”.

“Marcelle e eu estivemos conversando”, disse Pierre. “Vamos nos congregar com aquele povo da Rue des Gebelins”.

“Façam isto mesmo”, disse Gerry. “Vocês estão certos. Pode ser que ainda haja uma chance para vocês. Para mim é tarde demais. Já estou condenado”.

Em todo o mundo, muitas pessoas estavam chegando à mesma conclusão do jovem casal francês, e se uniam à comunidade dos judeus.

.oOo.

UMA IGREJA UNIVERSAL

Por algum tempo depois do desaparecimento dos cristãos quando da “invasão espacial”, quase todas as igrejas estavam completamente vazias, ou senão, pelo menos grandemente desfalcadas. Havia muito mais interesse no novo movimento Messiânico judeu. Não só na Grã Bretanha, mas em quase todos os países, os judeus estavam pregando que o Messias viria logo para assumir o controle do mundo, resolver seus problemas, e reinar de fato neste planeta.

Mas, a Igreja não estava completamente estática. Mesmo antes da “invasão” já havia uma tendência entre diferentes denominações a cooperarem umas com as outras, e isto se tornara ainda mais aconselhável depois do desaparecimento de grande parte do clero. Esta cooperação agora chegava ao uso dos mesmos prédios e ao fechamento de outros que pareciam supérfluos.

O Dr. John Boutlie, antigo presidente do Concílio Mundial das Igrejas, disse: “O alvo final do Concílio e do Movimento Ecumênico é a formação de uma única igreja Cristã”, e o Arcebispo de Canterbury havia dito em 1962 que ele esperava ansiosamente “ver uma só igreja no mundo todo. Nós, anglicanos, esperamos e oramos pela união com a Santa Igreja Ortodoxa”.

Enquanto Gerry Batchelor estava assentado na igreja inglesa de Paris, certo domingo, seus pensamentos se voltaram para os acontecimentos dos últimos anos. Como as coisas haviam mudado depressa! Apesar do voto contrário à unificação das igrejas Anglicana e Metodista, o Arcebispo de Canterbury conseguira fazê-lo. As igrejas Presbiteriana e Congregacional se haviam juntado e estavam se unindo à igreja Anglicana. As velhas diferenças denominacionais eram quase inexistentes, e realmente agora havia uma única Igreja. Até mesmo o Exército da Salvação fora reconhecido como o braço evangelístico da Igreja.

Negociações para uma união com Roma já estavam em andamento há algum tempo e o diálogo do Vaticano com líderes Maometanos, Budistas, Hindus e Confucionistas havia resultado na formação de elos entre Roma e

estas grandes religiões. A autoridade do Papa estava sendo cada vez mais reconhecida em todos os setores. Na verdade, não faltavam os críticos que diziam ter o Santo Padre mais poder na Europa do que o próprio Presidente da Comunidade Europeia.

E nem era de se admirar visto que quase 80% da população da comunidade se dizia Católica.

Gerry encontrou seus dois amigos no café em que sempre jantavam.

“O que você acha das últimas notícias?”, perguntou Marcelie. “As igrejas haviam chegado a um acordo e no dia seguinte deveriam assinar um documento em Roma. “Vocês querem ir ao meu apartamento amanhã para vermos a cerimônia juntos?”, ela perguntou. Os dois aceitaram o convite e no dia seguinte dirigiram-se ao apartamento de Marcelie.

A tela de TV mostrava uma cena de pompa medieval, e de grande ostentação, em Roma. O Arcebispo de Canterbury, acompanhado pelos principais dirigentes das igrejas inglesas viajara à Itália (ou à região número 3, de acordo com sua nova designação) especialmente para esta ocasião.

Outras autoridades eclesiásticas vieram da América, Índia, África e Rússia. O Papa havia chamado todos os cardeais e arcebispos de todas as partes do mundo, e todos estes se reuniram no Palácio do Vaticano. A grande multidão de prelados estava em pé ao lado de uma mesa comprida, a cuja cabeceira estava o Papa. Depois de uma breve afirmação por parte do bispo, que agira como principal secretário durante as longas negociações, o Papa assinou, com uma caneta de ouro, o documento belíssimo e muito bem elaborado.

O documento e a caneta depois foram passados a todos os signatários autorizados ao redor da mesa. Depois disto o Santo Padre, tomando a palavra, disse que era propósito de Cristo que a igreja fosse uma, e que agora este propósito estava sendo cumprido pouco a pouco, devendo haver como consequência, uma era de paz e felicidade em todo o mundo.

Depois continuou: “Iremos todos até à igreja de São Pedro para a Santa Comunhão, ou, para usar o termo da Santa Madre Igreja, a Missa”. Os amigos telespectadores viram as procissões se formarem e lentamente se dirigirem à grande basílica, onde já havia milhares de pessoas reunidas.

“Sabem o que isto quer dizer?”, perguntou Gerry.

“É o que eu esperava desde que comecei a estudar este livro”. Depois voltando-se para Pierre contou-lhe do notável sermão pregado pelo Dr. Broughton em Kilsett naquele domingo inesquecível. Lembrou-se de como o cientista havia predito a união de todas as igrejas e denominações em uma igreja universal.

Os resultados da cerimônia que presenciaram, logo se tornaram evidentes. O reconhecimento do Papa como chefe da igreja universal acarretou muitas mudanças, inclusive de ordem legislativa. Na Grã Bretanha, por exemplo, o soberano presidente havia sido chefe da igreja, mas de agora em diante, não seria mais assim.

O poder do Papa crescia em todos os setores. Quando o Presidente da Comunidade Europeia fez-lhe uma visita oficial, o Papa aproveitou a oportunidade para sugerir que um dos seus Cardeais de confiança seria de grande utilidade no gabinete particular do Presidente Essel e Victor Essel, reconhecendo o que significava isto, se viu obrigado a concordar, embora relutante.

O Santo Padre era habilidoso, não apenas no campo diplomático mas em todas as artes de intriga, e não demorou que a sua influência fosse sentida em todos os campos da Comunidade, em todos os assuntos e não apenas naqueles de ordem religiosa. Seu domínio sobre os “fiéis” aumentara grandemente depois da união e a sua palavra passou a ser reconhecida em todo o mundo como autoridade final.

Victor Essel se achava no seu escritório particular em Roma e, ao toque de um botão, uma porta abriu-se na parede apainelada e um homem alto e magro entrou.

“Chamou-me?”, perguntou ele.

“Sente-se, Bartoli”, disse o Presidente. “Quero conversar”.

O homem que o presidente chamara era um homem misterioso. Ninguém sabia de onde viera, e era impossível perceber qualquer sotaque no seu falar. Tinha a pele meio morena, mas isto em si não dava indicação alguma. Falava perfeitamente inglês, francês, alemão, espanhol, italiano, árabe e hebraico e conhecia bem algumas outras línguas também.

Aparecera em Roma uns dois anos atrás, passando a fazer parte do Departamento Pessoal de Investigações do Presidente. Agora era secretário-executivo e confidante pessoal do Presidente Essel.

Muito bem vestido, usava um terno de corte perfeito, camisa de seda abotoada e não aberta como a da maioria dos seus funcionários, sapatos feitos à mão e, ao assentar-se, cruzando as pernas, deixou transparecer meias de seda muito finas. Não se importava com a atitude dos outros diante da nova liberdade de vestimenta, e não fazia concessões pessoais neste sentido, e Essel, que também era conservador nesse aspecto, respeitava-o por isso.

.oOo.

O CHOQUE COM O PAPA

“Estou preocupado com a Igreja”, começou o Presidente, enquanto o seu secretário-executivo aguardava em silêncio.

“Porém mais ainda com o Papa”, respondeu o seu “outro eu”.

“Isto mesmo”, foi a resposta. “O Papa está interferindo demais na política e nos assuntos que na realidade nada têm a ver com ele. E o nosso amigo Cardeal obviamente nos trai, levando todos os nossos maiores segredos ao seu conhecimento.”

“Demita-o”, disse Bartoli. “Livre-se dele”.

Seu senhor respondeu: “Mas que razões poderíamos dar? Seria preciso uma questão realmente convincente, para provarmos ao Papa que seria preciso demiti-lo.”

“Ora, no se preocupe com isso”, disse Bartoli. “Arranjaremos provas de que ele está vendendo informações aos Chineses”.

Foi dito e feito! Dois dias mais tarde o cardeal atônito foi preso, e acusado mediante as provas “manufaturadas” de traição. Defendeu sua inocência com muita firmeza, mas, ao ser levado ao tribunal, a multidão se levantou contra o “traidor”. Começaram a gritar: “Vamos linchá-lo. Vamos linchar o traidor!” A multidão exaltada arrancou o infeliz cardeal do carro, esmurrando-o e chutando-o, pisando sobre ele com toda a brutalidade até não restar mais vida no seu corpo.

A notícia foi anunciada pela TV, e o Presidente mandou mensagem ao Papa, expressando suas condolências e sinceros sentimentos, mas dizendo que a raiva incontrolável da multidão, era talvez, compreensível devido às circunstâncias. Em vista do ocorrido, considerava aconselhável não substituir o homem morto. O Papa, bastante astuto para reconhecer o que havia acontecido e confiante na força da sua própria posição, respondeu imediatamente que os assassinos deveriam ser levados à justiça sem demora.

E apontava outro cardeal para preencher a lacuna criada pelo lamentável assassinato de um homem honesto e de grande valor.

Quando a carta do Papa chegou, o Presidente, normalmente um homem controlado e calmo, quase perdeu a paciência. Apertou um botão e a porta silenciosa se abriu novamente, e o seu secretário executivo imediatamente se levantou da sua mesa e veio ter com o Presidente. “Leia

isso aí”, disse Essel, jogando a carta papal em cima da mesa. “Agora estamos em pior situação do que antes.”

O indivíduo misterioso que se achava à sua frente, leu a carta cuidadosamente, colocou-a novamente sobre a mesa e disse calmamente: “Era inevitável um choque. Você não pode ceder agora. Há três atitudes que poderemos tomar. Podemos dizer ao povo que sua indignação é perfeitamente justificável, mas que a lei e a ordem devem ser mantidas e que o Presidente está profundamente perturbado pela morte de um homem que havia sido um membro de confiança do seu gabinete interno. Podemos dizer que ele ficou horrorizado ao descobrir que cada detalhe confidencial havia sido declarado pelo cardeal não apenas aos espiões chineses, mas também ao Papa, e que agora ficou claro que o cardeal estava, propositadamente tentando enfraquecer a Comunidade, a fim de que a igreja pudesse assumir o controle.

“Podemos mostrar tudo o que você fez pelo bem do povo, e a maneira pela qual a Comunidade tem-se desenvolvido em benefício dele, e dizer que seria uma grande tragédia se tudo isso se visse ameaçado. Poderemos nos referir também ao imenso tesouro acumulado pela igreja e dizer que este tesouro realmente pertence ao povo. Se tudo isto for dito cuidadosa e diplomaticamente, mais por sugestão do que abertamente declarado, poderemos criar a situação certa para uma ação definida. Creio que você não deve aparecer pessoalmente nisto. Poderá dar-me autoridade para agir em seu nome?”

“Muito bem”, foi a resposta. “Se você acha que poderá fazê-lo, eu concordo”.

Bartoli levantou-se e parou antes de chegar à porta na parede: “Posso pedir um favor pessoal?”, perguntou.

“O que é”, perguntou o Presidente.

“Bem”, respondeu ele. “Eu nunca disse nada a ninguém, mas eu sou judeu. Não tenho genealogia, mas quero ter. Quero uma árvore genealógica que mostre a minha descendência do Rei Davi. O Presidente e o Primeiro Ministro de Israel estão, ambos, à morte e é possível que haja problemas sérios naquele país dentro de alguns dias. Pensei que seria bom você ter uma pessoa de sua confiança controlando o país. Poderia ainda continuar a ser o seu secretário executivo”.

Essel pensou um pouco e disse finalmente: “Muito bem. Prepare a sua genealogia e eu o enviarei como meu representante especial a Israel para aconselhar o gabinete judeu nos seus problemas atuais. Mas espero uma solução do problema com o Papa também”.

Bartoli expressou o seu agradecimento e deixou a sala rapidamente.

Três dias mais tarde a genealogia estava em sua mesa e, depois de uma breve conversa com o Presidente Essel, ele viajava incógnito para Israel, onde foi recebido de braços abertos como emissário da Comunidade.

Ele estava certo no seu julgamento da situação na Itália e em outros países da Comunidade. Queixas e reclamações começaram a ser ouvidas por todos os lados e chegaram a proporção tal, que ele julgou necessário dizer alguma coisa. Voltou a Roma e, no dia seguinte, falou pela televisão. Mostrou que acabava de voltar de Israel, onde fora mandado para ajudar a resolver alguns dos problemas existentes. Depois falou o que para o Oriente Médio foi como uma bomba:

“O Presidente da Comunidade deu-me instruções para que volte a Israel amanhã”, disse ele, “em vista do meu interesse especial naquele país tanto por ser judeu, como por ser descendente direto do Rei Davi. Mas os meus assuntos pessoais não são a razão para esta minha apresentação pela televisão”.

Continuou falando da situação atual no mundo, depois referiu-se aos rumores que estavam circulando sobre a riqueza da igreja. Disse que era verdade realmente que a igreja tinha tesouros, investimentos em dinheiro e posses que chegavam a um total astronômico. Alguns também diziam que uma igreja rica estava completamente em desacordo com o Fundador da mesma, e que ele compreendia os sentimentos do povo.

Naturalmente, o seu discurso serviu para aumentar a insatisfação do povo. Depois foi ventilado o assunto do Cardeal, dizendo que este estivera espionando para o Vaticano e levando assuntos do Estado, importantes e estritamente confidenciais ao conhecimento do Papa, pagando enormes quantias de dinheiro para conseguir a informação desejada. Imediatamente que a acusação de espionagem foi feita, o Papa exigiu, imperiosamente, a presença de Essel diante dele.

O Presidente não tomou conhecimento da intimação e resolveu que a hora era chegada para soltar a próxima bomba. Os jornais e a televisão noticiaram em todo o território da Comunidade que, apesar de exposta a atividade de espionagem do cardeal, o Papa agora estava querendo forçar a aceitação de outro de seus espias pelas autoridades políticas e havia intimado ao Presidente da Comunidade a dar-lhe satisfação.

Isto, dizia o comentarista, não podia ser tolerado. O Presidente foi apontado e escolhido para um cargo político, tendo que dar satisfação apenas ao Parlamento da Europa e não estava sujeito aos ditames da Igreja.

O comentarista ainda deu outra notícia aquela noite. Devido à morte do Presidente e do Primeiro Ministro de Israel, Anton Bartoli fora convidado pelo governo daquele país a agir como Presidente interino de Israel. O

Presidente Essel dera o seu consentimento, mas Bartoli continuaria como secretário executivo da Comunidade e conselheiro principal do Presidente.

A reação do povo ante as afirmações de interferência papal foi exatamente o que o integrante-mor havia antecipado. Bartoli, então fez saber por intermédio dos seus agentes, que se os tesouros da igreja fossem transferidos aos poderes políticos, os impostos seriam grandemente reduzidos, sendo que todo o povo seria beneficiado.

“O que é que você acha que está acontecendo, Gerry?”, perguntaram seus jovens amigos franceses certa noite.

“Exatamente o que eu previa”, respondeu. “Baseado no que tenho lido neste livro escrito há dezenove séculos. Mas ainda espero que um homem tome o lugar da igreja e exija adoração a si mesmo”, acrescentou. “Quando isto acontecer, cuidado!”

A reação geral à maquinação de Bartoli preocupou seriamente o Papa, já abalado pela atitude do Presidente ao seu chamado. Imediatamente publicou uma encíclica condenando o que descreveu como o assassinato brutal e sem significado de um homem justo e bom, exortando o povo a arrepender-se do seu crime, mencionando de leve a possibilidade de excomunhão. Longe de intervir nos negócios do estado, ele disse, o Vaticano simplesmente oferecia ajuda quando necessária a fim de evitar catástrofes, a aproximação das quais seriam muito mais claras ao Vaticano, com sua longa experiência e seus contactos mundiais, do que ao poder político.

Anton Bartoli mostrou uma cópia da encíclica ao Presidente e expressou sua opinião de que fora escrita para restaurar a confiança na Santa Fé.

“Precisamos agir depressa”.

“O que você sugere?”, foi a pergunta que ele já esperava.

“Bem, acho que chegou o tempo de tomar medidas definitivas contra o Papa”, respondeu ele.

“Se quebrarmos o poder da igreja, confiscando os seus bens e destruindo a confiança do povo na mesma, isto deixará uma lacuna perigosa”, disse Essel. “Muita gente ainda vai à igreja. Se não tiverem mais isso o que farão? Haverá um enorme sentimento de frustração que bem poderá levar a consequências desastrosas. Não podemos ignorar este Movimento Messiânico Judeu, que está avançando pelo mundo todo. O povo realmente acredita que o Messias virá. Aqueles dois fanáticos de Israel estão transtornando o país. Aliás, creio que se algo não for dito logo a respeito deles bem poderão causar uma explosão interna”.

“Seu julgamento está perfeitamente certo,” respondeu o secretário executivo. “Não creio que o Movimento Messiânico seja perigoso, mas é imprescindível que coloquemos alguma coisa no lugar da igreja”.

«É isto o que eu estou dizendo”, disse o Presidente, “e não temos nada para colocar em seu lugar”.

“Com todo o respeito devido a V. Excelência”, disse o outro, calmamente”. “Creio que este é um momento histórico. Nesta mesma cidade, séculos atrás, os cristãos e outros receberam permissão de adorar seus próprios deuses ou viver como quisessem, desde que pagassem tributo a César jogando um pouco de incenso no altar. A adoração a César bem poderia ser apropriada para os nossos dias”.

“Estamos no século vinte,” disse Essel. “Quem vai adorar um homem nesta época e, além do mais, quem existe para ser adorado?”

“Depende da maneira em que é feita,” respondeu seu subordinado. “Não há porque esmagar todo o sistema; foi elaborado e construído através de muitos séculos, deve ser possível usá-lo. O primeiro passo é deslocar o Papa e subordinar a religião ao controle do estado. Você é o chefe da comunidade e poderia tornar-se chefe da igreja também”.

“Mas a igreja é uma organização universal e não está limitada à Comunidade,” disse o Presidente. “Todos os países se revoltariam e todos os cardeais e arcebispos lutariam pelos seus direitos”.

“Não, se for feito com muito tato,” foi a resposta. “Tenho a sua autorização para começar o ataque?”

Relutante, e ainda cheio de dúvidas, Essel finalmente concordou.

.oOo.

O ESTADO ASSUME O COMANDO DA IGREJA

A campanha de Anton Bartoli começou imediatamente.

Dois dias depois da entrevista de Anton Bartoli com o Presidente Essel, a imprensa, a televisão e outras agências de comunicação começaram a diminuir a importância da igreja e disseminar dúvidas quanto ao seu valor em tempos modernos, a não ser que toda a sua estrutura fosse totalmente modificada.

Muitas referências eram feitas à riqueza da Igreja, e insinuações de que grande parte havia sido adquirida por maneiras ilícitas, e deveria, portanto, ser devolvida ao povo, de quem, afinal, havia sido tomada.

Um jornal audaciosamente publicou um artigo condenando a interferência do Papa em assuntos políticos e perguntando por quanto tempo mais a Comunidade toleraria a sua interferência em assuntos que não lhe diziam respeito.

Outro jornal publicou um artigo obviamente inspirado, perguntando por que o governo não estabelecia um Departamento de Religião para administrar as propriedades e os fundos da igreja, aliviando assim a mesma de todas as responsabilidades que não os assuntos espirituais.

O Vaticano emitia contra-ataque, mas era impossível lidar com os argumentos sempre diferentes que Bartoli inspirava. Uma semana mais tarde, o Papa recebeu uma carta das próprias mãos de Anton Bartoli, a quem não conhecia ainda. Olhou com curiosidade para o homem conhecido como o poder oculto da Comunidade, e que agora também ocupava situação privilegiada no Oriente Médio.

Seus negros olhos magnéticos encararam o Papa por alguns segundos, e o prelado encostou-se na poltrona perturbado com a expressão que vira passar como uma sombra pela fisionomia do seu visitante, algo de cínico e malévolo, que fez com que um arrepio subisse pela sua espinha. Isso, porém, desapareceu tão depressa quanto surgira e, ao ouvir sua voz suave e culta, e percebendo o seu interesse pelas coisas que o rodeavam, o Papa resolveu que era apenas impressão sua, causada talvez pela mudança na luz.

Ao levantar os olhos da carta que lera, novamente pensou perceber um leve sorriso irônico na fisionomia daquele homem, mas, como da primeira vez, velada imediatamente. Instintivamente pensou: “Este homem é mau. Existe algo intrinsecamente sinistro na sua pessoa”. Em voz alta disse: “Suponho que o senhor conhece o conteúdo desta carta”.

Bartoli respondeu que tinha uma ideia do que se tratava. (Sendo a carta redigida por ele, seria de se admirar se não tivesse).

“O seu senhor”, disse o Papa, “sugere que nos reconciliemos publicamente, e propõe que a reconciliação seja efetuada pelas seguintes atitudes de minha parte: entregar a ele o controle de todas as propriedades da igreja em todas as partes do mundo, não publicar encíclica alguma cujo conteúdo não seja examinado e aprovado pelo senhor, prometer não ocupar-me com assuntos políticos, e limitar minhas atividades à realização de ofícios religiosos. Minha autoridade como Vigário de Cristo se estende sobre todas as nações e seus dirigentes, e não admito discussão com homens mortais. “Esta”, dizia, enquanto rasgava a carta em mil pedacinhos, “é a

resposta a uma sugestão tão impertinente, resposta esta que poderá transmitir ao seu senhor”.

Bartoli voltou ao seu escritório e relatou ao Presidente o ocorrido.

“Estamos comprometidos agora,” disse Essel, “e não podemos voltar atrás. Emita quaisquer instruções que se façam necessárias, em meu nome”.

Naquela mesma noite foi emitida uma ordem de mobilização a todas as reservas militares no continente, e as tropas foram transferidas em silêncio até as proximidades de Roma. Dois dias mais tarde, os jornais publicavam que haviam sido realizadas longas entrevistas entre o Estado e o Vaticano com o propósito de resolver as divergências existentes entre os dois, mas que as negociações até agora infrutíferas, haviam sido canceladas devido à intransigência dos conselheiros do Vaticano.

O Estado resolvera que, a partir daquela data, a administração da igreja estaria a cargo de novo Departamento de Religião e que a posse dos fundos, tesouros e propriedades da igreja, seria transferida ao novo Departamento, visando única e exclusivamente o bem do povo. A posição relativa à igreja em países que não faziam parte da Comunidade seria discutida com as autoridades eclesiásticas apropriadas.

A notícia continuava dizendo que era evidente não estar o Papa em condições físicas ou mentais para ocupar o cargo, assumindo a grande responsabilidade de reorganização e, portanto, para o seu próprio bem seria permitido que deixasse o cargo imediatamente. A posição de todos os dignitários e padres da igreja seria estudada pelo Departamento de Religião ao qual todos deveriam requerer o formulário que teria dados completos sobre o seu cargo, suas qualificações e experiência.

Dependendo apenas de algumas deliberações finais, a igreja seria nominalmente dirigida pelo Presidente da Comunidade, da mesma forma que a Igreja da Inglaterra anteriormente era dirigida pelo soberano (mais tarde Presidente) daquele país.

A notícia deixou o povo boquiaberto. O Papa recusou-se a deixar o Vaticano, confiando na proteção dos seus Guardas Suiços, mas estes foram logo persuadidos que a deliberação visava os interesses do Santo Padre e finalmente ele foi escoltado por um batalhão de soldados que o levaram a uma casa no campo, onde foi mantido para o resto de sua vida, em prisão domiciliar.

Os tesouros móveis do Vaticano e de todas as outras igrejas dentro da Comunidade foram colocados à venda. Todo, o dinheiro, depósitos bancários e investimentos foram transferidos ao Tesouro da Comunidade. Tapetes, obras de arte, tanto pinturas como esculturas, e até mesmo roupas foram

retirados dos seus lugares e postos à venda. Estações de rádio de propriedade da igreja foram confiscadas para uso civil. Mosteiros e conventos foram esvaziados e seus ocupantes evacuados. Muitos não sabiam o que fazer ou onde ir, mas o péssimo tratamento que receberam muitas freiras às mãos dos soldados fez com que rapidamente deixassem seus antigos lares. Muitos padres e ministros também fugiram temendo perderem suas vidas.

A riqueza acumulada foi enorme e houve uma redução imediata em todos os impostos e taxas, e um aumento nos pagamentos de aposentadoria, salário-família, etc. Naturalmente esta atitude foi recebida com entusiasmo, servindo para silenciar quaisquer protestos que poderiam ter surgido.

Tornou-se logo bem claro, em todo o Continente, que quase ninguém ia mais às igrejas e que, portanto, não havia necessidade de tantos serviços religiosos. Foi, portanto, emitida uma ordem fechando todas as igrejas ainda em funcionamento, demitindo todos os bispos, padres, ministros, freiras e membros de ordens religiosas. A ordem dizia que, sabendo-se terem muitas pessoas achado auxílio e conforto na religião em tempos passados, haveria ofícios religiosos transmitidos pelo rádio todos os domingos, cobrindo todas as crenças. O fechamento das igrejas causou certa inquietação, principalmente entre os mais velhos, mas esta foi logo acalmada e a maioria dos ouvintes parecia satisfeita com o ofício religioso transmitido aos domingos.

Anton Bartoli achou muito que fazer em Israel. Uma eleição geral havia sido realizada e um novo Primeiro-Ministro fora empossado. O próprio Bartoli viu confirmada a sua posição de Presidente, e estava vivamente preocupado com a péssima publicidade causada pelos dois “profetas da dor”.

“Estes homens não podem continuar à solta”, ele disse ao Rabino Chefe e ao novo Primeiro Ministro. “Estão perturbando a paz do mundo e não somente de Israel, levando uma imagem errada desta terra aos outros países”.

“Não ousamos tocar neles”, foi a resposta. “Eles têm poderes sobrenaturais. Veja o tempo, é época de chuva, e necessitamos de chuvas para que haja colheita. Estes homens, porém, ameaçaram o povo dizendo que se não se arrependessem, voltando-se para Deus, fechariam os céus, como Elias fez, séculos atrás, impedindo as chuvas. E o fizeram. A terra precisa desesperadamente de chuva, e esta não vem. O que podemos fazer?”

“E isto não os convence ainda mais de que eles devem ser liquidados?”, perguntou Bartoli.

“Então tente-o,” respondeu o Premier. “Se alguém se aproxima deles para tentar prendê-los, é morto imediatamente com fogo vindo dos céus. Como podemos tocá-los?”

“Reúnam um pelotão de soldados na praça,” disse Anton Bartoli, “e conversarei com eles”. Uma hora mais tarde, cem soldados estavam alinhados na praça.

O Presidente conversou com a polícia sobre a confusão causada na Europa e outras partes do mundo pelo que classificou de “delírio de dois lunáticos em Israel”.

“Já é tempo”, continuou ele, “de prendermos estes homens, e quero que sejam capturados imediatamente”.

Um sargento fez a continência e pediu permissão para falar.

“Senhor, estes homens não são homens comuns”, disse ele. “Têm poderes sobrenaturais. Realizaram milagres surpreendentes, conseguiram até fazer cessar a chuva e transformaram os rios e poços, em sangue. Um deles levantou a mão sobre um viveiro de peixes hoje de manhã; a água transformou-se em sangue e todos os peixes morreram. Além disso, já mataram vinte soldados lançando fogo contra eles. Se tentarmos prendê-los perderemos a nossa vida da mesma maneira”.

“Chegue aqui”, disse Bartoli calmamente, e o sargento afastou-se da companhia.

“Você tem medo de fogo, não?”, disse o Presidente e, levantando a mão, girou-a no espaço, fazendo com que uma chama rodeasse o sargento e chamuscasse sua roupa e seus cabelos. Quando Bartoli abaixou a mão, a chama desapareceu e o sargento aterrorizado caiu ao solo, desacordado.

Naquele momento ouviram uma voz poderosa e dentro de segundos puderam distinguir o que dizia: “Arrependam-se, o julgamento de Deus está próximo”.

Alguns dos soldados começaram a andar mais lentamente até que o Presidente, voltando-se, olhou-os fixamente. Virando a esquina se viram ante os dois homens sombrios. Bartoli levantou a mão e projetou uma chama entre ele e os dois, enquanto se dirigia aos soldados, ordenando que obedecessem à sua instrução anterior. Confiantes, por terem um protetor capaz de realizar milagres, avançaram como um homem só. Os dois ficaram silentes e impassíveis até que a polícia se aproximou.

Depois, um deles levantou a mão e uma chama repentina caiu sobre os soldados como um relâmpago, destruindo todo o pelotão.

O chefe de polícia voltou-se e fugiu temendo perder a própria vida, e assim fizeram todos os espectadores, mas Bartoli olhando para os profetas disse: “O seu fim está próximo. Vocês assassinaram cem homens inocentes.

Vocês não podem destruir a mim, mas eu destruirei vocês. Nós nos encontraremos novamente, em breve”.

Voltando-se, saiu na mesma direção do chefe de polícia.

“Focalizem as câmeras de televisão na praça hoje à noite”, ele disse quando chegou ao escritório, “e avisem Roma que haverá um acontecimento importante que eles quererão transmitir simultaneamente. Reúnam as autoridades na praça e anunciem na TV que eu estarei lá para resolver o problema destes dois homens”.

Suas ordens foram cumpridas e, à hora marcada, o Presidente dirigiu-se para a praça colocando-se na pequena plataforma armada no meio da praça.

“Onde estão os homens”, disse com voz autoritária.

“Já se aproximam, excelência”, foi a resposta. “Ouça!”

Era verdade. O som de gritos à distância tornou-se mais alto e finalmente os dois profetas atravessaram a praça, colocando-se frente à plataforma.

“O senhor chamou os servos do Deus Altíssimo”, disse um. “Viemos, mas trazemos-lhe a mesma mensagem que anunciamos aos outros. Arrependa-se, pois, do contrário, o julgamento estará sobre a sua cabeça”.

“Sobre vocês é que cairá,” gritou Bartoli, levantando-se e erguendo a mão. Ante os olhos espantados da multidão que observava, chamas de fogo saindo dos seus dedos brincaram por instantes em volta dos dois homens e numa grande explosão de chamas, consumiram-nos completamente. Ao assentar-se, os dois corpos queimados jaziam no chão perante ele.

“Deixem os corpos onde estão,” ordenou. “Devem ficar assim, ao léu, por três dias, para que todos os vejam”.

Voltou para o seu carro, deixando atrás de si uma multidão silenciosa e atemorizada.

Por três dias e meio os corpos ficaram na praça e multidões acorriam a presenciar o espetáculo, regozijando-se por não ser mais ouvida a sua voz levantada em solene profecia. Memoriais de agradecimento eram enviados ao Presidente. Três dias e meio! O Chefe de Polícia resolveu procurar saber se poderia afinal enterrar aqueles corpos que já exalavam terrível mau cheiro. Aquela noite, porém, quando as câmeras de televisão estavam mais uma vez focalizadas nos dois corpos, os espectadores tiveram outra grande surpresa.

Os dois corpos se levantaram e dois homens se movimentavam e falavam. Estavam vivos! Subitamente uma nuvem desceu à praça, e subiu novamente ao céu sem deixar vestígio dos dois homens. Havia sido levados para o céu. Não havia outra explicação possível, e Bartoli foi bastante

inteligente para reconhecer que o que havia sido presenciado por milhões através das câmeras de televisão e pela grande multidão da praça não poderia ser desmentido.

Não tentou explicar, e recusou-se a discutir o assunto, reconhecendo que, com o passar do tempo, o acontecimento seria apagado da memória dos espectadores. Estava diante de algo sobrenatural que ele não compreendia e não podia combater.

.oOo.

A ADORAÇÃO A CÉSAR É RESTABELECIDA

Bartoli se achava no escritório bem mobiliado do Presidente Essel, e conversavam.

“Então, os dois profetas loucos já não perturbam mais”, dizia o Presidente. “E o povo, como reage?”

“Ficaram muito contentes quando os homens morreram”, respondeu o outro, “mas ficaram chocados com a maneira pela qual os corpos desapareceram. Os homens realmente viveram outra vez: falaram e andaram, o que foi visto por milhares de pessoas. E quando a nuvem os arrebatou, o povo ficou realmente amedrontado. Estou tendo muita dificuldade para acalmá-los. Já destruí os fanáticos, mas Israel aguarda alguma coisa — sem saber bem o que é. Os homens precisam de uma religião e de um Deus, e nós temos que satisfazer esta necessidade senão quisermos ver toda a estrutura desintegrada. Vossa Excelência é cabeça da Igreja”, prosseguiu ele. “Seria perfeitamente razoável pedir de todos os adeptos um reconhecimento formal da sua posição. Uma pitada de incenso era o suficiente para César; um reconhecimento formal seria o suficiente para hoje. Vossa Excelência tem poder supremo; se alguém o desafiasse na Sua vontade ou orientação, perderia tudo, incluindo, talvez, a própria vida. Ninguém ousaria desafiar César na antiguidade: ninguém ousaria desafiar César, hoje”.

“Mas o reconhecimento de um ser humano como ser divino já é outra coisa”, respondeu Essel, “e é isto que você quer dizer, não é?”

“É, sim”, foi a resposta, “mas se a recusa compreender a perda de emprego e o meio de vida e possivelmente significar morte, bem poucos acharão conveniente deixar de reconhecer a divindade do César”.

“É melhor dizer exatamente o que você está pensando”, ordenou o Presidente.

“A necessidade da Europa, e também do mundo Inteiro”, continuou Bartoli, “é de satisfação espiritual. Deixamos um vazio que precisa ser preenchido. Eles precisam ter um deus para sua adoração”.

“O que então você tem a propor?”, foi a próxima pergunta.

“Provar que César tem poder sobrenatural”, respondeu ele, inclinándose sobre a imensa mesa para fazer o esboço do seu abominável plano. O Presidente ouviu, fez comentários sobre dois ou três detalhes, depois reclinou-se meditando.

“Muito bem”, disse afinal. “Prossiga”.

O Executivo retirou-se e dentro de cinco minutos já entrava no seu pequeno, mas poderoso avião a jato a caminho de Israel. Estava com os planos todos feitos, e aquela noite a imprensa publicou a notícia que o povo ouviu logo depois enquanto olhava para as telas de televisão em suas casas. A notícia era aparentemente normal e inofensiva.

“Em todos os serviços religiosos, haverá um reconhecimento do Cabeça da igreja, Sua Excelência, Presidente Victor Essel. Pormenores sobre como deve ser feito este reconhecimento poderão ser obtidos do Departamento de Religião, que passará a ser conhecido como Ministério de Religião”.

O locutor continuou dizendo que, em vista dos grandes serviços que o Presidente Essel havia prestado a toda a comunidade, o Sr. Anton Bartoli tinha sugerido ao Conselho Executivo que fosse erigida uma estátua em sua honra em um lugar central de Roma. A proposta fora aceita e o próprio Chefe do Executivo se encarregaria de supervisionar a execução do projeto. O famoso escultor Giovanni Bartolomeo, havia sido encarregado do serviço.

À medida que as semanas passavam, a estátua ia tomando forma até que foi anunciado o dia da inauguração. Anteriormente já havia sido anunciado que o Parlamento Europeu seria dissolvido. A notícia dizia que as funções executivas e administrativas da Comunidade já estavam nas mãos do Conselho Executivo, e que o Parlamento Europeu era pouco mais que uma câmara de debates, que não formulava programas de ação e nem anunciava princípios. A matéria fora amplamente discutida na sessão parlamentar daquele dia e a decisão unânime fora que aquele corpo legislativo deveria ser dissolvido. A afirmação não contava o que realmente acontecera no Parlamento, e a história só foi ficando conhecida aos poucos.

Anton Bartoli conseguira licença para apresentar um pedido urgente. Dissera que o Parlamento não tinha autoridade real e não poderia vetar qualquer atitude proposta pelo Conselho executivo aprovado pelo Presidente, e ele propunha que o Parlamento fosse dissolvido permanentemente.

Houve uma tempestade de protestos, mas quando o orador mais veemente estava discursando, Bartoli voltou-se e encarou-o. O homem subitamente hesitou, perdeu-se em meio às próprias palavras, não conseguiu prosseguir e assentou-se. Outro colega quis continuar o protesto, mas novamente Bartoli, encarando-o, fez com que se assentasse. Isto se repetiu por cinco vezes.

Quando a proposta passou à votação, e os parlamentares indignados se dirigiam à cabina de oposição, Bartoli precedeu-os, parou, encarou-os por alguns segundos e, sem saber como e nem porquê, todos entraram na outra saleta. O voto favorável à proposta foi declarado unânime e o Parlamento foi dissolvido. Muitos juravam depois que Bartoli havia exercido alguma influência mágica sobre eles, mas ninguém podia realmente explicar o que havia acontecido.

No dia seguinte, o Secretário Executivo liderou a reunião do Conselho Executivo. Referiu-se à dissolução do Parlamento dizendo que a única atitude de bom senso era dar, agora, ao Presidente, a posição de Imperador. A responsabilidade do Conselho seria limitada à execução das instruções do imperador. Imediatamente os Ministros passaram a protestar, mas os olhos do dirigente pousaram sobre cada um lentamente, até que disse finalmente: “Percebo que todos concordam unanimemente”.

Novamente a proposta foi aceita unanimemente e Victor Essel tornou-se Imperador da Europa, com poder e autoridade supremos sobre os dez países. Os parlamentos internos de cada país acataram a resolução com humildade.

Bartoli passou a ser conhecido como o gênio mau atrás do trono, e começou a crescer um sentimento de revolta contra ele. Foi cercado certa noite por um grupo de desordeiros, mas nenhum conseguiu aproximar-se dele. Algum poder sobrenatural fazia com que não conseguissem chegar perto, e ele apenas sorriu e voltou para sua casa. Em outra ocasião, um homem quis apunhalá-lo pelas costas, mas o punhal quebrou na sua mão. Duas vezes, também, foi alvo de tiros a queima-roupa, mas as balas apenas raspavam nele, sem ao menos ferir o seu terno. Ao ver-se cercado certo dia por um grupo revoltado, instigado pelos seus inimigos mais ferozes, sorriu ironicamente e acenando em direção à multidão fez com que todos desaparecessem. Ninguém veio a saber o que aconteceu com eles.

Dizia-se que ele tinha aliança com o diabo, e contavam-se histórias as mais variadas do seu uso de poderes sobrenaturais. Além disto, com o uso de instrumentos especiais, a polícia podia ouvir o que era dito dentro de qualquer casa em uma área de cinco quilômetros. Todos, portanto, tomavam o máximo cuidado com o que diziam.

Em Israel, o Presidente Bartoli era, ao mesmo tempo, temido e respeitado. Seus esforços incansáveis em benefício do país somados à prosperidade que Israel experimentava, trouxeram para ele a admiração e gratidão do povo. Poucos, entretanto, conseguiram esquecer a maneira sobrenatural usada para destruir os dois profetas, com fogo.

Sua lealdade ao Imperador, entretanto, era total. Ao chegar o dia da inauguração da estátua, ele havia organizado e programado a cerimônia nos seus mínimos detalhes. Milhares de pessoas, de todo o mundo, dirigiram-se a Roma. O Imperador se achava em uma cadeira de ouro sobre uma plataforma, protegido por um toldo, do calor do dia. Importantes convidados estrangeiros estavam à sua volta.

Bartoli falou elogiando o Imperador e, ao término do seu discurso, o Imperador, apertando um botão, descerrou a estátua. Enquanto os véus caíam, a Estátua foi aparecendo em todo o seu esplendor, bem maior do que o seu tamanho natural e coberta de ouro; sem dúvida seria visível de qualquer ponto da cidade.

Quando o Imperador falou à multidão e tornou a assentar-se, Bartoli, então, chegando-se à imagem dirigiu-se a ela em língua desconhecida. Ouviu-se apenas um “Oh!” da multidão, que, aterrorizada, viu a enorme estátua mover-se, adquirindo vida própria e dirigindo-se à multidão, dizer: “Adorem-me!”

Ninguém podia negar o fato de que a imagem podia falar. A multidão estava ainda boquiaberta quando Bartoli, tornando a falar disse: “Todos viram o que aconteceu. A estátua do nosso excelso Imperador falou-nos, ordenando que adoremos aquele que ela representa. Não há outra coisa que possamos fazer; dobremos o joelho perante ele”. E ao dizer estas palavras ajoelhou-se perante o Imperador.

A multidão toda seguiu o seu exemplo, até que ouviram a voz clara e autoritária do Imperador. “Podem se levantar e se regozijar. Hoje, vemos o início de uma nova era, um dia de alegria e regozijo. Aceitamos a sua adoração e sua homenagem tão espontânea”.

Aquela noite na televisão o povo recebeu uma ordem para que todos se dirigissem à igreja mais próxima no domingo seguinte, para ali oferecer sua homenagem pessoal ao Imperador. Em troca disto, todos receberiam um

certificado formal do seu comparecimento. Esta cerimônia seria repetida periodicamente.

O único assunto da conversa, aquela noite, em todas as casas era o acontecimento do dia. Será que iriam adorar um homem? Onde iria acabar tudo isto? E o que fazer? O risco de perder empregos, casas, dinheiro e talvez a própria vida tornou-se o argumento mais convincente. Não teria importância prestar homenagem formal a um homem que tinha poder supremo. Assim, a maioria se convenceu que isto nada significava e que seria melhor cumprir a ordem que recebera.

Em Paris os três amigos se encontravam no seu lugar costumeiro.

“Não podemos obedecer esta ordem”, dizia Marcelie. “Não podemos adorar um homem. Eu não o farei. Desde que encontramos você, Gerry, e entramos em contato com o Movimento Messiânico a nossa vida mudou completamente. Nós cremos em Deus. Sabemos que o Messias virá e que talvez muito em breve Ele venha estabelecer o Seu Reino na terra”.

“Eu já tive a minha oportunidade”, Gerry respondeu. “É tarde demais para mim. O cristianismo está morto. Este homem está vivo. Vou fazer o que me pedem. Eu creio que ele seja Deus”.

Pierre e Marcelie despediram-se dele com muita tristeza. Não trabalhavam mais na mesma fábrica e reconheceram que talvez esta noite marcasse o fim da sua amizade.

“Não há nada que possamos fazer por Gerry”, disse Pierre a Marcelle. “Mas temos o nosso próprio problema a resolver. Se nos recusarmos a prestar homenagem perderemos tudo, talvez a própria vida”.

“Não me importa”, respondeu ela. “Dobramos o joelho a Deus. Não podemos dobrá-lo aos homens. Que nos matem, se quiserem”.

A vida, entretanto, continuava tal como antes. No domingo, multidões encheram as igrejas prestando sua homenagem ao Chefe da Igreja. Parecia uma cerimônia relativamente sem importância e o certificado era apenas um pequeno cartão. Quinze dias mais tarde foi divulgada a notícia de que todos os cartões deveriam ser devolvidos para serem trocados por um registro permanente, um sinal indelével que seria gravado na mão direita ou na testa. A marca era o nome do Imperador, “ESSEL” ou o número “666”. Alguns poucos protestaram, mas a maioria novamente achou que era uma ordem insignificante que não merecia maior preocupação, e os outros afinal acompanharam-nos.

Os Membros do Movimento Messiânico, entretanto, se recusaram terminantemente a obedecer. “Cremos em Deus”, diziam, “e fomos selados por Ele. Não podemos adorar um homem e receber o seu selo”. As ameaças

não surtiram efeito, mas foi feito um registro completo de todos aqueles que se recusaram a receber o sinal.

O que Bartoli previa sobre a atitude do povo judeu para com a religião estava realmente acontecendo. Não havia muito interesse, e ficou evidente que algo surpreendente e dramático era necessário para reunir o povo novamente e inspirá-lo de novo com o espírito nacionalista da primeira parte do século XX. O Presidente procurou então o Rabino, Chefe.

“Diga-me”, perguntou Bartoli. “Você acha que Jeová ainda é relevante nos nossos dias?”

“Não, não muito, Excelência. O nosso povo precisa de algo que satisfaça o seu desejo espiritual”, foi a resposta. “Se o nome de Jeová nada significa para eles, ainda assim precisam de um Deus”.

“É óbvio”, respondeu o Presidente, “e note que você disse um Deus. Mas que me diz do Messias? Ele ainda é importante hoje?”

“Também não”, respondeu o líder religioso. “O Messias hoje nada representa. Nós não temos necessidade de um Messias. O país é nosso, somos um estado novamente. Não precisamos de mais nada”.

“Você me deixou tranquilo”, disse o astuto Bartoli. “Não consigo ver a importância de um Jeová ou Messias no século XX, mas acho que o povo precisa alguma personificação de um Deus para satisfazer seu desejo espiritual. Foi o que aconteceu na Europa”.

“O judeu nunca aceitaria um gentio como o representante de Deus, se é isto que tem em mente”, foi a resposta imediata.

“Mas o Imperador Essel é judeu”, disse Bartoli.

“Ele vem da tribo de Judá”.

“Seria impossível provar isto”, respondeu o Rabino, Chefe. “A sua própria genealogia parece irrefutável, mas creio ser impossível repetir a façanha”, ele acrescentou expressivamente.

“A sua posição, porém, depende de haver algo ou alguma pessoa central, em torno da qual o povo possa unir-se”, respondeu o Presidente. “Apresento-lhe alguém que é reconhecido no mundo. Naturalmente, se tem dúvidas quanto à propriedade de se satisfazer desta maneira o desejo espiritual do povo, talvez seja possível passarmos o seu cargo para alguém mais jovem que tenha um ponto de vista mais atual”.

O judeu olhou para ele e disse: “O que é que devo fazer?”

O resultado de sua longa conferência foi a publicação de uma nota dizendo que o Imperador da Europa estaria em Jerusalém para uma visita dentro de três dias. O jornal “Correio de Jerusalém” dizia em outra página que o Imperador tinha sangue judeu — provavelmente da tribo de Judá.

Esta notícia interessou a todos os judeus, pois, se fosse verdadeira, então o homem mais poderoso na terra era judeu.

Quando o avião do Imperador desceu, o aeroporto estava apinhado e a multidão gritava as suas boas vindas. Combinaram que na noite de sexta-feira ele iria ao templo para o culto do sábado. Parecia que toda a Jerusalém estava reunida ali e o Rabino - Chefe fez uma preleção extremamente curta, passando a palavra ao Imperador que, como participante da fé judaica, abençoaria os fiéis. Com poucas e bem escolhidas palavras, o Imperador Essel pronunciou a bênção.

Em seguida, junto com o Presidente e o Rabino-Chefe, ele dirigiu-se ao prédio sagrado. Os outros dois pararam, mas o Imperador continuou atravessando o pátio e entrando no prédio. Neste instante, a multidão gritou, furiosa com o que considerou uma profanação do templo, mas foi silenciada por um aceno de Bartoli e, pasmada, sem mover-se ou falar, a grande multidão esperou.

Finalmente o Imperador saiu, vestido de branco com um cinto de ouro e uma coroa de ouro sobre a cabeça. O Rabino-Chefe e o Presidente se ajoelharam diante dele curvando as cabeças. Ele colocou a mão sobre as cabeças dos dois, abençoou-os e fez com que se levantassem novamente. Neste momento um homem atravessou a área do templo trazendo um cordeiro. Chegou-se ao Imperador e também se curvou diante dele. O Imperador tomou a corda, levou o cordeiro em direção ao pátio e falou-lhe.

À sua palavra o cordeiro deitou-se, permanecendo imóvel e quieto. O Imperador levantou a sua mão e, ante os olhos da multidão assustada, um raio de fogo caiu sobre o cordeiro, consumindo-o.

Um segundo mais tarde, a voz do Rabino-Chefe soou pelos alto-falantes. “Vamos adorar a Deus. Vamos nos curvar perante o Altíssimo. Este é nosso Deus, é Israel”.

Como se fosse um só, a multidão se ajoelhou movida por uma força maior do que a sua própria. Contudo, espalhadas aqui e ali, havia algumas pessoas que resistiram à forte influência e se mantiveram firmemente em pé, recusando curvar-se.

“Tragam esses homens aqui”, ordenou o Imperador cujos olhos não perdiam um só detalhe; ao serem arrastados à sua presença gritou: “Quero ver vocês ajoelhados perante o seu Deus. Quero ver a sua adoração”.

Os homens permaneceram de pé e um deles disse: “Nós nos curvamos ante o Ser Eterno. Não adoraremos homem algum”.

“Tragam-nos à plataforma” ordenou Essel. “Dou-lhes mais uma oportunidade” e, dirigindo-se ao primeiro disse: “Ajoelhe-se e adore”.

O homem fez que não com a cabeça. Essel, então, apontando para ele disse: “Mando-o para o inferno” e, ante o terror da multidão, o homem desapareceu. O próximo foi levado também, e a mesma coisa aconteceu. Um por um os outros seguiram; cada um deles se recusou a adorar e, um por um, desapareceram todos.

O imperador, depois, dirigiu a palavra à multidão já trêmula. “Demonstrei meu poder supremo”, disse. “Quero receber a sua adoração não como representante de Deus, mas como o próprio Deus. Volto-me para assentar no Santo dos Santos do templo, como Deus. Onde a glória eterna uma vez apareceu, para que ela torne a voltar”.

Quando ele se voltou para entrar no edifício o povo gritou a uma só voz como se movido por alguma força invisível: “Ó, Deus, nós adoramos”.

A cena foi televisionada para o mundo todo, A maioria pensou que só havia uma explicação possível. Deus descera à terra e habitava o corpo do próprio Imperador. Como explicar os milagres de outra forma? Quando o povo se reuniu para a cerimônia matutina, e o Imperador novamente apareceu à porta do templo, nem uma voz se levantou em contradição ou discórdia.

O povo de Israel, pasmado, não sabia em que acreditar. Será que Deus de fato descera à terra? Era realmente divino o Imperador? A maioria seguiu o caminho mais fácil, e recebeu a mesma marca na mão ou na testa. Além disto, foi também feita uma lista oficial daqueles que se recusaram.

Pierre e Marcelle, como muitos outros em outros países, observavam a cena pela televisão e reconheceram a importância do que acontecera aquele dia. “Aconteceu”, dizia Marcelle, “e agora a complicação vai começar de verdade. Vão procurar todos aqueles que não quiserem curvar-se perante o Imperador, e nós teremos que sofrer as consequências”.

Pierre muito sério dizia: “Você sabe o que isto quer dizer, Marcelle. Pode acontecer algo como o que se deu na Idade Média — tortura, sofrimento e morte”.

“Estou pronta”, respondeu sua noiva. “Não podem matar a Deus e nós pertencemos a Ele”.

.oOo.

INÍCIO DA TRIBULAÇÃO

O povo logo se acostumou à ideia de que Deus viera morar entre eles. Enquanto isso, listas oficiais de todos aqueles que se recusaram a receber o sinal do Imperador eram compiladas, “na surdina”.

Descobriu-se que o número dos rebeldes era relativamente grande, embora o Imperador não se mostrasse tão surpreso quanto Bartoli.

“Não podemos liquidar todos de uma vez,” disse ele, ao ver a lista. “Mas concordo que é essencial liquidarmos todos os insubordinados”. O trabalho de eliminação teve, então, o seu início. Primeiramente retiraram os cartões de filiação dos candidatos e organizações profissionais de todos aqueles que se recusaram a reconhecer o novo “Deus. Sem estes cartões, as pessoas não poderiam continuar nos seus empregos, e muito menos conseguir outro. Não poderiam também reivindicar auxílio do serviço social. Sem o cartão como identificação, era impossível tirar dinheiro de um banco.

Não é, pois, de se admirar que quando se viram assim, face a face com a miséria e morte, muitos, que a princípio falavam audaciosamente, se arrependeram e, para garantir a sobrevivência de suas famílias, voltaram atrás e prestaram sua homenagem ao Imperador.

A maioria dos membros do Movimento Messiânico, permaneceu firme. “Não podemos ser desleais a Deus e à nossa esperança nEle,” diziam. Ninguém sabia quem lhes dava comida, mas de uma maneira surpreendente, sempre tinham o necessário.

“Não podemos deixar que esta situação perdure”, disse o Imperador, certo dia. “A atitude obstinada destes homens está atraindo outros a eles, e o Movimento está ganhando força”.

Aquela mesma noite o repórter da televisão anunciou que todos aqueles que não tinham a marca do Imperador deveriam comparecer à Igreja mais próxima no dia seguinte, onde teriam mais uma última oportunidade de prestar sua homenagem e receber o sinal. Seriam severamente punidos todos aqueles que se recusassem a comparecer. Alguns poucos foram realmente às igrejas à hora marcada e acederam aos argumentos que lhes eram apresentados. A maioria dos dissidentes não o fez e em cada região a polícia ia cercando-os e apertando a rede.

Em Israel, os prisioneiros receberam sua punição imediatamente. Foram colocados em uma praça rodeados de soldados. O Presidente Bartoli apareceu para executar a sentença. Sem dizer palavra, levantou o braço e, ao acenar sobre a multidão, o céu pareceu abrir-se lançando uma chama à terra, destruindo todos os prisioneiros, sem, contudo, ferir os soldados.

Em outras grandes cidades houve execução em massa. Em Paris, Pierre e Marcelle estavam juntos, quando os soldados reuniram aqueles que chamavam “os traidores”, tentaram confortar e animar um ao outro, mas

ambos sabiam que o dia da prestação de contas às forças do mal havia chegado. Quando pela manhã receberam ordem de adorar o Imperador-Deus, responderam corajosamente: “Não, nós adoramos o Deus do céu.” A bela Marcelle impressionou os espectadores e mesmo o promotor público implorou para que mudasse de opinião.

“Não posso”, ela respondeu. “O Deus do céu é o meu Deus. Seu Messias ainda reinará na terra. Seu Filho morreu pelos meus pecados, não posso negá-lo.”

Juntamente com os outros foi levada ao local de execução e com a idade de vinte e dois anos pagou com a própria vida a sua nova fé.

Assim, o Imperador foi aclamado por todos como divino, aclamação esta, feita mais por medo do que por qualquer outra coisa. A vida, entretanto, não ficou mais fácil. Na Europa, as colheitas foram grandemente prejudicadas por uma praga até então desconhecida. As plantações de batata tiveram a mesma sorte e a situação era realmente séria.

Em Israel e nos outros países do Oriente Médio as chuvas não vieram, com a consequência de que frutas e plantações em geral se perderam em grande parte. Os agricultores não se lembravam de um ano tão desastroso, e era evidente que medidas drásticas deveriam ser tomadas para alimentar o mundo durante os próximos doze meses. A fome dominava a China, Índia, Paquistão e outras partes da Ásia.

Devido à escassez, o preço dos combustíveis subiu assustadoramente, o que naturalmente repercutiu no preço de outras comodidades.

Na Ásia, morriam tantos de fome, que era impossível enterrá-los imediatamente; as epidemias começaram a se alastrar pelas ruas das cidades da Índia e China, e uma nova praga avançava para oeste, em direção à Europa, dizimando a população por onde passava, e deixando atrás de si um povo debilitado, subnutrido e ainda mais suscetível a novo ataque. Parecia que toda a natureza se voltava contra o homem.

Na América, terremotos ocorriam em número assustador. A Índia, a China, o Japão, a Nova Zelândia, sofriam de maneira semelhante e milhões pereceram. Os horrores daqueles meses não tinham paralelo na história, era impressionante o número de pessoas mortas. A propriedade tornou-se inexistente e toda a estrutura física do planeta parecia ameaçada. E as calamidades não se restringiram à terra; erupções repentinas no oceano colocaram em movimento ondas gigantescas, e navios naufragaram em número alarmante. Será que não terminaria este tempo de tribulação? E os problemas continuavam.

Os Retro-refletores “laser” colocados na lua, mostravam a aproximação de furacões. As cidades do Chile e Venezuela, Flórida, Carolina e outros

estados americanos foram evacuados e o furacão varreu esses países derrubando prédios, arrancando árvores pela raiz e destruindo tudo por onde passava. Um tornado gigantesco, maior do que qualquer outro jamais visto, passou pelo centro-oeste dos Estados Unidos e rebanhos inteiros se perderam. Por alguma razão, também inexplicável, muitos dos reservatórios de óleo no Texas se incendiaram, causando danos de monta e matando muita gente.

“Os poderes do inferno estão soltos”, dizia o locutor de TV. Foram suas últimas palavras e mais verdadeiras, talvez do que ele imaginava. Algumas pessoas estavam firmemente convencidas de que poderes diabólicos estavam trabalhando, e que espíritos do mal estavam ocupados em atacar a raça humana. No Palácio Presidencial, o Imperador e seu acólito estavam conversando seriamente.

“O que vamos fazer, Anton?”, perguntou o Imperador. “Devemos fazer alguma coisa para restaurar a confiança do povo”.

“Só há uma resposta possível”, replicou Anton. “Você deve usar os seus poderes sobrenaturais novamente. É óbvio que o próprio Lúcifer declarou que a sua autoridade seja ilimitada. Você quer permitir que ele tome posse completa de você?”

“Sim”, disse o Presidente, sem hesitar.

“Vossa Excelência”, disse Bartoli, “entregue solenemente a sua vida a Lúcifer e ofereça o seu corpo como moradia para ele, a fim de continuar recebendo o seu poder para manter a sua posição e fortalecer-se nela?”

“Sim,” foi a resposta sucinta.

Neste instante, a janela sacudiu e tremeu como se alguma força poderosa estivesse tentando arrebentar suas grades.

“Vamos nos ajoelhar”, disse Bartoli, colocando-se de joelhos. O Imperador ajoelhou-se do outro lado de sua enorme mesa. Subitamente as luzes se apagaram, e um vento terrível varreu a sala. Essel levantou-se depressa e as luzes se acenderam novamente. Sobre a sua mesa havia um pedaço de papel que não estivera lá antes.

“Assine o seu nome na folha de papel com o seu sangue”, disse Bartoli.

Sem recluir coisa alguma, disposto a tomar qualquer atitude, Essel espetou o dedo, molhou a ponta de sua caneta no sangue e assinou. Ao largar a caneta, o papel desapareceu, tirado por mão invisível.

Um imenso relâmpago rasgou o céu, enquanto se ouvia o urro do trovão repercutindo no céu. A tempestade durou a noite toda e o trovão parecia circundar a cidade.

“Parece que todo o inferno está solto”, disse o Imperador.

“É isto mesmo,” respondeu o outro. “Hoje, foi liberado um poder, que vai sacudir o mundo”.

O medo se apoderou do coração dos homens. Parecia que o mundo todo tinha caído sob o domínio das trevas. Acontecimentos sem explicação se sucediam de maneira assustadora. Por que o sol se esconde ao meio-dia? Por que a lua desaparece de vista uma noite, e na outra parece como um planeta vermelho? Sempre existiram estrelas candentes, mas por que havia tantas agora? E a chuva de meteoritos que caíra sobre a China e o Japão? Será que era mesmo um cometa que rasgava o céu, ou seria outra coisa?

Os próprios elementos pareciam perturbados. Os cientistas falavam de “pulsares”, mas o homem da rua queria uma explicação mais simples.

Nunca em toda a história da humanidade, existira tanto temor, tanta preocupação e tantos pedindo um alívio, um fim para aquilo tudo. Tudo estava mudado. Como estavam distantes e inatingíveis aqueles dias em que os homens podiam viver em tranquilidade uns com os outros!

.oOo.

CONFUSÃO NO ORIENTE MÉDIO

Viajando entre Jerusalém e Roma, com visitas ocasionais a outras cidades importantes, e exercendo a dupla função de Presidente de Israel e Secretário Executivo da Comunidade, Anton Bartoli precisava usar toda a sua habilidade e capacidade.

Sinais sobrenaturais já haviam-se tomado rotineiros de modo que era esperado que sempre ocorreriam onde ele estivesse. O mesmo também se esperava do Imperador. Diante de milhares de pessoas ele chamara fogo do céu. Ao levantar a mão, um exército desaparecera. Soprara fogo, visivelmente sobre um criminoso quando este fora levado à sua presença.

Havia causado doença como sinal, e curado a mesma para mostrar o seu poder sobre a enfermidade física. Dizia-se que já ressuscitara alguns mortos. Sem dúvida, existiam na terra poderes nunca antes vistos, sendo que o medo e a inquietação também existiam em grau muito mais elevado.

Ainda havia alguns que falavam de Deus, dizendo que ainda era poderoso e que Seus mensageiros espirituais eram os protetores do povo. O número destes aumentava constantemente devido à pregação dos judeus em todo o mundo. Estes judeus eram membros do Movimento Messiânico e

estavam ocupados em propagar o Evangelho de um Rei vindouro que traria ordem ao mundo e reinaria com justiça na terra. De vez em quando alguns deles eram apanhados, julgados e executados, mas um número incrivelmente grande ainda sobrevivia.

As autoridades tinham muitas outras causas de preocupação, muito maiores do que a pregação de alguns missionários judeus. Enquanto houvera prosperidade, a terra conhecera relativa paz e tranquilidade, mas os dias de adversidade pelos quais o mundo passava acarretavam uma atitude psicológica negativa, o que, sem dúvida, contribuía para o estado geral de incerteza e insegurança.

No Extremo Oriente, a fome e a peste generalizadas provocaram ressentimentos contra os países com mais recursos, e ameaças de invasão para tomar terra e alimento daqueles que não prestavam auxílio às nações esfomeadas.

O antigo ódio contra Israel começou a aparecer novamente e o Egito já brandia suas armas ameaçadoramente. Só mesmo o pulso de ferro do Imperador, conseguia conter os ânimos exaltados dos países europeus. O mundo parecia um caldeiro a ferver. A luta racial eclodia novamente na África, e todo o ódio acumulado contra a Rodésia resultou em invasão à mesma. Caças japoneses faziam voos de reconhecimento sobre a Nova Zelândia e Austrália, e o Japão exigia a retirada da proibição à imigração.

Várias perguntas se achavam no ar: Até que ponto as ameaças do Egito representavam mera propaganda política para impressionar os próprios egípcios, e até que ponto deveriam ser levadas a sério? Até onde se poderia confiar na Rússia? Qual era o motivo de movimentos de tropas chinesas ao longo das fronteiras da Índia e do Paquistão? Bastaria uma faísca para causar uma explosão que abalaria o mundo inteiro.

Bartoli pensava na situação, mas foi interrompido pela entrada de um secretário, que disse: “O Primeiro Ministro, senhor”. David Levin entrou na sala. “Quero sua aprovação para mobilização total e imediata”, disse sem preâmbulos. “Temos informações seguras, de fonte fidedigna, que as tropas egípcias estão reunidas, prontas para um ataque. Todos os países árabes estão envolvidos”.

“Muito bem”, respondeu Bartoli. “Faça-o hoje, à noite mesmo”.

“Mas não é só isso”, continuou o Premier. “Recebemos notícias perturbadoras sobre movimentos de tropas chinesas. A Força Aérea Chinesa está usando os campos de pouso do Paquistão e até do Irã”.

“E qual a última notícia da Rússia?”, perguntou o Presidente.

“Aparentemente, nada de novo”, respondeu Levin. “Eu não me surpreenderia se ouvisse dizer que a Rússia se aliava ao Egito. Mas, pelo menos, até onde pudemos descobrir, nada disto aconteceu”.

“De qualquer maneira, a situação, mesmo sem a Rússia, já é bastante séria”, respondeu o outro.

Dois dias depois, a bomba estourou e, sem aviso prévio, aviões militares do Egito passaram por sobre Israel bombardeando Haifa, Jafa, Tel Avive, Lod e Jerusalém. Simultaneamente, a Síria, a Jordânia, o Líbano e a Arábia Saudita atacaram, havendo rumores de que o Irã estava preparado para auxiliar os árabes. Os israelenses contra-atacaram e lentamente forçaram os invasores a recuarem. Mas, pouco depois, sofreram um poderoso ataque de surpresa por um batalhão egípcio dirigido e treinado por oficiais russos. Este batalhão, além de melhor treinado, estava também mais equipado. O perigo se acentuava devido ao uso de armas nucleares. O Egito possuía os mais modernos armamentos russos, e Israel começou a sentir a pressão.

“Só ha uma solução”, dizia o Ministro da Defesa.

“Quero permissão para inundar o Egito com germes. Estamos diante de uma força incrivelmente maior do que a nossa e, se continuarmos assim, não sei quanto tempo poderemos aguentar”.

“Concordo”, disse o Primeiro Ministro e, relutantemente, o Presidente também apoiou a medida.

O resultado foi muito além daquilo que poderiam ter imaginado. Uma praga se estendeu pela cidade do Cairo matando metade da população no espaço de uma semana. Forças egípcias, ouvindo o que acontecera, se enfraqueceram até serem completamente derrotadas pelo exército israelense.

Naquele momento, chegou a notícia de que aviões chineses sobrevoaram Israel, e tropas chinesas se movimentavam em direção ao Oriente Médio. Tanques e veículos blindados, que por semanas viajavam atravessando a incrível distância desde seu próprio país, estavam se aproximando. Ninguém sabia qual a intenção daquela força tremenda. Seriam amigos ou inimigos? Qual seria o seu propósito? Os embaixadores, nos vários países, não tinham informação a respeito.

Logo depois, a Rússia exigiu uma explicação da guerra bacteriológica contra o Egito, solicitando que o assunto fosse levado à discussão perante os grandes poderes. A menos que Israel fosse obrigado a pagar indenização total por todo o prejuízo do Egito, as tropas russas interviriam.

Esta ameaça deu nova vida aos egípcios derrotados; seus aviões recommençaram a bombardear Israel e seus tanques voltaram a avançar em direção do território inimigo.

No dia seguinte, paraquedistas e armamentos russos foram lançados sobre a Galileia e, depois de um dia, todo o norte estava nas mãos dos russos; tanques de guerra e carros blindados se dirigiam para Jerusalém. Aviões russos começaram a bombardear a cidade e outros soldados desceram de paraquedas na área circunvizinha.

Bartoli telefonou ao Imperador, desesperado, pedindo ajuda, mas seu diálogo foi interrompido pelo ribombar de bombas que caíam sobre a cidade. A situação era desesperadora. As tropas europeias chegaram tarde demais para evitar a tragédia; antes do fim do dia, a Cidade Santa jazia em ruínas. Os russos passaram pelo país como um furacão deixando atrás de si destruição e miséria.

Quando as tropas europeias chegaram, encontraram Jerusalém destruída, e viram cenas que um repórter experimentado comentou como indescritíveis. Os russos continuaram a sua viagem de destruição e para a surpresa de todos entraram também no Egito repetindo sua destruição. O Egito não era seu aliado, o país que protegiam e ajudavam? Mas o dia de prestação de contas havia chegado para o Egito, e o povo teve que sofrer como Israel havia sofrido. A cultura e os tesouros de séculos nada significavam aos invasores.

Depois, as pragas, que haviam dizimado a cidade, apenas duas semanas antes, às quais os sobreviventes pareciam ter-se tornado imunes começaram a atacar os invasores destruindo centenas deles. Alexandria e Cairo sentiram o calcanhar de ferro dos russos, mas as tropas foram transferidas para o sul ao longo das margens do Nilo, evidentemente com a intenção de futuras invasões.

Mas outro acontecimento mudou a situação, completamente.

.oOo.

O DIA DO AJUSTE DE CONTAS

Os russos se dirigiam para o sul, com a evidente intenção de usar o Egito como base para operações posteriores contra o sul. Os israelitas já estavam desanimados e achavam-se em situação desesperadora, pois eram atacados por todos os lados, ajudados apenas pelas tropas europeias que, por sua vez, também se ocupavam em fazer o seu saque particular. Se Bartoli realmente tinha poder de chamar fogo do céu, por que não destruíria

os russos desta forma? Era esta a pergunta que o povo fazia constantemente. O Primeiro Ministro perdera a vida e o Ministro da Defesa estava seriamente ferido. A administração era quase que inexistente.

O Imperador Essel, percebendo a desmoralização do seu Secretário Executivo partiu de Roma junto com o contingente seguinte de soldados, ao encontro de Bartoli, que muito se alegrou ao vê-lo chegar.

“É muita bondade sua vir assim ao meu encontro”, disse-lhe. “Mas não deveria ter arriscado a sua vida para vir até aqui”.

“Você está precisando de apoio moral”, respondeu o Imperador. “Esta guerra vai indo mal para você, mas não terminou ainda. Não desanime, nem tudo está perdido”.

Em outro canto daquela cidade arruinada, entre os destroços, as mesmas palavras eram repetidas por um grupo de uns seis homens. Era um grupo dos que haviam escapado do martírio recusando-se a adorar o deus-imperador, e a aceitar o seu sinal. Eram membros do Movimento Messiânico e haviam estado escondidos na cidade. Um homem alto e forte, que era aparentemente o seu líder, estava procurando encorajar os desanimados.

“Nem tudo está terminado”, ele dizia. “O país está em ruínas e os exércitos ainda vão chegando de todas as direções. Israel tornou-se o centro do mundo. Mas foi Jeová quem ajuntou as nações para a batalha. Séculos atrás o profeta declarou que Ele reuniria todas as nações contra Israel, mas Zacarias também disse que Deus faria de Jerusalém uma pedra pesada para todos os povos e motivo de terror para todos os povos ao redor. Deus ainda está no Seu trono, não abdicou”.

Enquanto falava, ouviram mais tiros e rapidamente procuraram refúgio. Uma nova leva de russos já havia alcançado Jerusalém e estava ocupada em luta corporal contra as tropas recém chegadas da Comunidade Europeia. Quase que simultaneamente um batalhão de sírios alcançou a cidade e depois, para horror dos poucos habitantes da cidade que tentavam defender-se, aviões chineses sobrevoaram a cidade jogando bombas nos subúrbios de Jerusalém, e pouco depois uma tropa chinesa entrava na cidade. Certamente seria o fim!

Os homens do Movimento Messiânico se ajuntaram. “Está tudo terminado”, dizia um deles. “Estamos liquidados”.

“Não vamos nos desesperar”, dizia o líder. “É agora que devemos orar. Vamos implorar a Jeová que desça e faça conhecido o Seu poder”.

“Está bem”, outro respondeu. “Desça, Senhor, e liberte-nos agora.” Quer estas palavras ditas em voz trêmula, quer tenham sido sinceras ou pura zombaria, de qualquer modo era evidente que seria inútil procurar auxílio em outra parte. Mas será que Deus iria intervir?

A situação era desesperadora. Sem dúvida, o país e seus habitantes estavam condenados. Quando a noite chegou foi uma verdadeira bênção. Pelo menos, na escuridão, era possível procurar-se melhor abrigo e também buscar alimento e água. O ar aquela noite estava parado, nem uma brisa balançava as folhas.

De repente, aqueles homens aterrorizados viram um clarão no céu, que iluminou a terra como se fosse dia. A luz parecia encher o céu e cobrir a terra; aproximava-se cada vez mais e os homens nem respiravam ao perceber que era composta de inúmeras formas brilhantes. Parecia um exército enorme vestido de roupas brilhantes, radiantes como a própria luz.

“São os anjos do céu que vêm à terra”, dizia um.

“É mais do que isto,” respondeu o líder. “É a resposta às nossas orações!”

Lenta e majestosamente a luz desceu à cidade. Como se aquela visão maravilhosa houvesse feito cessar as atividades, fez-se silêncio mortal em toda Jerusalém. Não se ouvia som de armas na terra, nem ronco de aviões no céu. E o clarão continuava descendo, até que, chegando à montanha, o Capitão daquele enorme exército apareceu, e Seus pés tocaram o monte das Oliveiras. Seguiu--se uma enorme trovoadá; a terra tremeu e se contorceu, e o monte acabou se dividindo ao meio.

Um Homem apareceu em glória majestosa observando o enorme vale abaixo, enquanto os habitantes da cidade corriam de um lado para o outro, gritando atemorizados, à vista do que acontecera.

Ao redor do Homem havia milhares e milhares de figuras brilhantes. Sozinho, Ele desceu a montanha e sozinho enfrentou os soldados trêmulos, cujo recente ataque causara toda aquela grande confusão em Jerusalém. Voltaram-se e fugiram pelo vale abaixo; russos, chineses, europeus, israelenses, sírios, jordanianos, libaneses, iranianos, egípcios que normalmente estariam lutando uns contra os outros, foram todos reunidos no vale.

Um olhar apenas dos olhos do Homem destruiu instantaneamente aquela multidão. O Deus dos Exércitos visitava este planeta.

O comandante russo no Egito ouviu na manhã seguinte que um milagre acontecera — supostamente realizado por Essel ou Bartoli — no sentido de fazer aparecer um enorme exército de lugar desconhecido, dirigido por um general que usava armas misteriosas para destruir instantaneamente seus inimigos. Ele não hesitou e dirigiu-se imediatamente para o norte a fim de entrar na batalha.

Os russos pararam em Gaza e depois se espalharam pelo país em formação maciça, preparados para a batalha. Estavam bem equipados e em

ótimas condições físicas, mas, mesmo assim, o general soviético resolveu dar-lhes descanso de um dia antes do ataque.

Jerusalém estava muitas milhas ao norte e era evidente que qualquer ataque viria daquela direção. Vários aviões já haviam saído em viagens de reconhecimento, mas até aquele momento nenhum voltara. Este fato preocupou o comandante russo, pois, mesmo que tivessem problemas de pouso, poderiam descer atrás das linhas russas. Tentativas de comunicação com eles pelo rádio haviam falhado. Entretanto, confiantes na sua força e nas batalhas que já haviam ganho, os russos aguardaram calmamente a chegada de um novo dia.

Meia hora antes da alvorada, foi dada a ordem de partida, mas, assim que os veículos entraram em posição, viram uma luz brilhante aparecer à distância. Logo perceberam que aquela luz vinha de um homem que parecia estar vestido com roupa brilhante.

O general, imperturbável, deu ordem de fogo e o barulho dos canhões ecoou no vale entre as montanhas. Mas nada acontecia ao Homem que se dirigia lentamente em sua direção. Ao aproximar-se do grande exército, parou e, sem dizer palavra, voltou-se para os russos.

Os soldados, atemorizados, viram o rosto do Homem que lá estava e viram também a glória que emanava dEle. Foi a última coisa que viram, pois uma chama de fogo, saindo da Sua boca, destruiu instantaneamente o exército.

Todos os inimigos de Israel estavam liquidados. Mas este era apenas o primeiro passo. Essel e Bartoli foram levados à presença do Homem e uma voz acusadora declarou que estes eram os dois enganadores da terra — o deus-imperador e o Falso Profeta — que haviam se entregado a Lúcifer, recebendo o poder do Diabo.

A voz declarou que estes eram os dois que haviam tentado lutar contra o Todo-Poderoso e, por causa de quem, milhões sofriam maldição eterna.

“Lancem-nos ao lago de fogo!”, foi a sentença e então as figuras dos dois homens mais poderosos no mundo desapareceram na perdição.

A hora chegara! O relógio já havia soado! De cada canto da terra as nações se reuniam trazidas por uma força inexplicável, a fim de se apresentarem diante daquela Pessoa gloriosa que Se assentava no trono de Jerusalém, e também para ouvirem de Seus lábios a sua sorte para o futuro.

A terra estava doente, as nações exaustas. As cicatrizes da batalha haviam deixado sua marca. Mas o Homem chegara. A promessa antiga se cumpria e o dia de descanso, paz e bênção para o mundo havia raiado.

O relógio havia tocado a última badalada!

.oOo.

O ÚLTIMO MOMENTO

A capa do Boletim de Cientistas Atômicos apresenta infalivelmente a figura de um relógio.

De 1963 a 1967 os ponteiros marcavam doze minutos para a meia-noite, mas em janeiro de 1968 o ponteiro que marca os minutos foi adiantado, marcando sete minutos para meia-noite.

O editor, Dr. Eugene Rabinowitch, explicou que a mudança se referia em particular ao estado de incerteza crescente devido à produção de armas e mísseis nucleares. A América, Rússia, China e França estão tentando armazenar bombas de hidrogênio e as estações nucleares de muitos outros países produzem o plutônio usado em tais bombas.

Depois de assinado o tratado de não proliferação, o ponteiro foi novamente colocado em doze minutos para meia-noite. O que tem acontecido desde então, justificaria o seu novo adiantamento. Os minutos se escoam rapidamente!

A meia noite se aproxima!

O relógio já vai bater!

.oOo.